

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Pós Graduação em Letras/Linguística

Outro Saussure

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

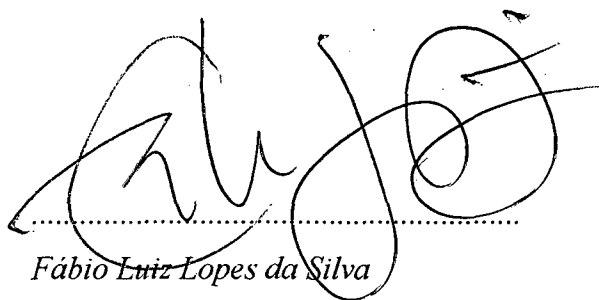
Orientador: Fábio Lopes da Silva

MARTA INÉS ARABIA

Florianópolis — SC

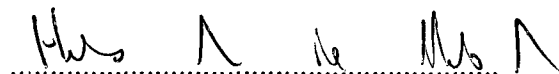
2000

Banca examinadora




.....
Fábio Luiz Lopes da Silva

.....
Maria Marta Furlanetto



.....
Heronides Maurilio de Mello Moura



.....
Edair Maria Gorski

Agradecimentos

A o CPGLL da UFSC, que acolheu meu pedido é forneceu a estrutura necessária para que esta dissertação chegasse a seu destino.

Também a UNISUL, que deu apoio.

Em particular, à Sr.a Islândia e ao Sr. José Moreira (UNISUL), que transmitem força.

A Pedro(UFSC), que consegue dar um exemplo de luta .

Muito em particular a Fábio e Roberta (UFSC), que acompanharam uma viagem cheia de tempestades.

Fecho, com carinho, a página de agradecimentos desta dissertação com a que aprendi que todos precisamos de todos.

*Para o Guago, que soube me acompanhar e é o amigo de Lissandro,
meu sol.*

Resumo

Se o mundo das palavras não coincide com o das coisas, se na Língua nem o pensamento nem nada está dado de antemão, como os indivíduos que falamos a mesma Língua poderemos nos entender entre nós?

Falamos, e ao falar supomos no Outro o tesouro da Língua.

Trata-se de levar o conceito de arbitrariedade, que Saussure inaugura para a Língua, ao extremo. Sustentar-nos na radicalidade deste conceito nos leva ao sujeito tal como a psicanálise o pensa, e assim nos abstraímos da vertigem da “pura diferença”.

É, portanto, articulando a esse conceito que Saussure desconhecia (ao menos nesses termos) que pensamos a língua.

Finalmente, abordamos a Língua e seu estatuto científico segundo a lógica da banda de Moebius.

Abstract

If the world of the words does not coincide with the world of things, if, as far as language and thought are concerned nothing can be taken for granted, how can we individuals who speak the same language understand each other?

We speak, and in doing so we suppose in the other person the treasure of the language.

What is at issue is taking the concept of arbitrariness, which Saussure inaugurates for the language, to its limit. Standing in the radicalness of this concept takes us to the subject the way psychoanalysis thinks it, and so we withdraw from the giddiness of the “pure difference”.

It is, therefore, articulating to this subject, which Saussure did not know, that we think the language.

Finally, we address the language and its scientific statute in accordance to the logic of the Moebius strip.

INDICE

Introdução,1

Capítulo 1,13

O sujeito da Psicanálise e o da Ciência,13

Do Cogito,14

A Psicanálise e o Campo da linguagem, 22

O Social e o Individual, 26

Eu, 30

Capítulo,2

Ao Outro,36.

Mais uma leitura de Saussure: Relativamente clássica com algumas intervenções,40.

Sincronia e Diacronia,44

“Langue” e “Parole,49

Signo,58

Arbitrariedade do signo,54

Valor Lingüístico,58

Conclusão,66

Bibliografia,69

Lâminas,74

Introdução

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre o alcance do passo teórico que dera Ferdinand de Saussure ao propor sua teoria do valor¹, tanto no que se refere à sua própria obra como no que diz respeito ao reconhecimento teórico que dele faz a Psicanálise.

Sabe-se que Saussure é o cientista que abriu as portas para verdadeiras divergências teóricas com sua distinção essencial entre as ordens do significado e do significante, a partir do que é possível pensar o princípio de arbitrariedade e a sincronia. Pode-se pensar num momento prévio o amálgama² destas duas ordens na obra saussureana?

Afirmar a existência de tal momento, nessa obra, seria quase desmentir a idéia de **Língua** a favor da qual pronunciou-se, como veremos, o próprio Saussure. Certamente um dos motivos que instigou nosso trabalho foi pensar qual foi a razão que levara o mestre genebrino a estabelecer a correspondência entre significado e significante e a univocidade do **signo** lingüístico.

Ocupar-nos-emos de algumas das questões derradeiras da elaboração do objeto que Saussure destinou para a **Lingüística**: a **Língua**. Ocupar-nos-emos ainda de conceitos por ele elaborados que consideramos fundamentais para chegar a nossos objetivos. Tais são: a arbitrariedade, o valor lingüístico, a sincronia, a linearidade, a fala e outros.

Para Saussure, a **língua** tem um papel que lhe é característico:

¹ A teoria do valor tem um item dedicado a ela no segundo capítulo.

servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente à delimitação recíproca de unidades.³

A união do pensamento com o som é uma união intermediada, e este é o papel que é característico à **língua**, nos diz Saussure. A rigor, se queremos fazer lingüística, não abordaremos qualquer uma destas duas ordens em separado. Proceder desse modo não diz respeito ao objeto que é destinado à lingüística, já que “A lingüística trabalha no terreno limítrofe onde estas duas ordens se combinam.”⁴

Neste trabalho nos dedicar– nos– emos, em particular, à distinção social e individual que aparece junto à dicotomia **Língua e Fala** na lingüística saussureana. Recorreremos à psicanálise para trabalhar esta distinção, por esta última oferecer no seu corpo conceitual as ferramentas que, em grande medida, fazem possível a leitura de Saussure que neste trabalho propomos. Interessamo-nos por esta distinção por considerar que separar o social do individual, para Saussure, era uma ato necessário, como o foi também amalgamar **significado e significante**, embora estes gestos tenham trazido conseqüências graves. As conseqüências às quais nos referimos tem a ver com algumas das interpretações que são realizadas de sua teoria, as quais vão em direção contrária ao que entendemos ter sido um dos grandes méritos de Saussure: mostrar o caráter radicalmente arbitrário do **signo** lingüístico e tentar manter-se fiel a essa arbitrariedade.

A teoria que Saussure almejava precisava de que **significado e significante** respondessem a uma ordem da **Língua** fechada, para fundar assim um estatuto cientí-

² Utilizaremos o termo ‘amalgama’ para nos referir a correspondência inequívoca estabelecida por Saussure de ‘um e só um significante a um e só um significado’.

³ Saussure 1995, p.131

⁴ Id. Ibid.

fico que fosse apropriado para a lingüística, isto é, que tivesse como referência a **Língua**, e não a ordem biológica ou natural. Ser conseqüente com o caráter fechado da **Língua** pretendido por Saussure exigia que a existência do significado se desse a partir da sua relação com o significante, dispensando o objeto (neste caso o **signo**) da necessidade, ou melhor, da existência de qualquer significado fora dele próprio.

Outra particularidade da teoria saussureana é a distinção individual e social, e acreditamos que esta divisão obedeça em parte ao fato de Saussure ter assimilado o individual ao particular. Deixar o indivíduo dentro do âmbito da **Língua** feria-lhe o ideal de cientificidade; ele precisava de homogeneidade e universalidade para a consecução de seu projeto.

Entendemos que algo não deu certo na sua intenção de criar uma **língua** imanente: que fazer com um sistema de “puras diferenças”? Saussure, assim como Descartes, caiu em águas profundas e fica tão longe da superfície quanto do fundo.

A ordem social ficou sendo um “fora” da **língua** que positiviza os termos, o que resolve a vertigem que o sistema saussureano de diferenças puras provoca; é um paliativo que, como foi dito, traz sérias conseqüências. Saussure queria saber, queria ‘o saber, sobre a **Linguagem** e sobre a língua; seus esforços na procura do objeto aponta-nos a direção que lhe traçou seu desejo. Finalmente a “**Língua**” para ele é **O Saber**.

Assim esse saber se desloca da diferença para o consenso que a elimina em favor da unidade consentida, assim se assegura pelo uso a homogeneidade do conhecimento e se elimina a heterogeneidade.⁵

⁵ Lemos 1991, p.8

Saussure, com seu ideal de ciência, cria um sistema onde os elementos (positivados) das duas ordens, dando lugar ao **signo** linguístico estão em interdependência. A Saussure faltou reconhecer que, na origem do sistema de valores que ele próprio funda, há um furo, uma vertigem; faltou reconhecer algo que ele deixa entrever quando diz que uma diferença antecede cada termo do sistema. Um furo que nos remete ao sujeito foracluído⁶ da ciência, dado com o qual não seria necessário arriscar seu sistema colocando o social como exterior para positivar os termos. O valor se estabiliza ao fechar a ordem da **língua** sobre si própria. Onde encontraremos a primeira diferença que, segundo Saussure, antecede o primeiro dos termos? O primeiro termo é mítico, a radicalidade do princípio de arbitrariedade permeia a obra saussureana, mais além dos impasses e recuos do seu autor.

Seu desejo levou Saussure até os limites. Ele, só poderia recuar ante a enlouquecedora incorporeidade de seu objeto, a **Língua**. A língua cobra um duplo estatuto neste estudo: o primeiro é o de ser objeto de da linguística saussureana o segundo o de ser o objeto de desejo para Saussure.

Saussure, com sua noção de valor, chega, embora essa não fosse seguramente sua intenção, ao sujeito tal como a Psicanálise o concebe, e retrocede.

Na nossa dissertação, sustentamos que não existe descontinuidade entre o campo do individual e do social quando referidos ao sujeito, tal como a Psicanálise o entende

(para discorrer a respeito disso é que foram elaborados os dois últimos itens do primeiro capítulo).

⁶ O termo foraclusão foi elaborado por Jacques Lacan no ano 1954. Lacan distinguia a foraclusão do recalque ao sublinhar que, no primeiro caso, o significante foracluído, ou os significantes que o representam, não são integrados ao inconsciente do sujeito, mas retornam ao real por ocasião de uma alucinação ou de um delírio que vem a invadir a percepção de um sujeito. (Roudinesco 1993, p290). Neste trabalho, quando nos referimos a foraclusão, estamos fazendo alusão à rejeição primordial de um significante fundamental para fora do universo simbólico da ciência, o sujeito.

Neste trabalho, assimilamos o “eu freudiano” ao indivíduo, e a idéia de social é abordada a partir do fenômeno de massa. Concordamos com Gerard Pommier quando diz: que a oposição do individual e do social perde toda sua pertinência. O “indivíduo”, longe de preexistir à massa, é, ao contrário produzido por ela. A “pessoa” é apenas o resultado da relação com o semelhante.⁷

Para pensar a distinção entre social e individual, privilegiaremos a topologia, em particular a faixa de Moebius, a qual será um dos elementos utilizados para abordar a subjetividade na sua relação com a descoberta saussureana da arbitrariedade do **signo** lingüístico. Tal descoberta é o ponto de onde parte a Psicanálise no reconhecimento que faz de Saussure.

A faixa de Moebius é uma figura da topologia que compreende uma única borda , e sua face tem continuidade com o seu avesso. A continuidade na banda ou faixa de Moebius é o efeito de uma semi- torção que instala a particularidade visível de uma constância permanente de “dentro – fora – fora – dentro”⁸

Esta figura parece-nos adequada para pensar a distinção social e individual, já que nela tudo o que é exterior é interior também e, portanto, não existe dentro e fora. O “fora” social, que poderia ser considerado como um apelo de Saussure à transcendência é um exterior quando pensado dentro da banda, um exterior- interno .

Saussure marca o limite entre o ato individual realizado pelo “indivíduo falante”⁹ (entendido como isolável do sistema) e a massa . Este limite, que se manifesta como uma dicotomia, repete o limite entre o sujeito da ciência e o sujeito da psicanálise com que Saussure se depara, esse limite é a dimensão do inconsciente freudiano¹⁰ .

⁷ Pommier 1989 p.21

⁸ Norberto Irusta. Palestra apresentada na Biblioteca Freudiana de Curitiba, Setembro de 1990.

⁹ Saussure 1995 p. 21

¹⁰ O paralelismo social/individual e sujeito da ciência e sujeito da psicanálise, será desenvolvido progressivamente.

O que Saussure quer efetivamente, através da vertente que seu desejo descortina? Uma Linguística científica? Nós diremos que sim. Saussure retrocede ante o abismo ao qual seu sistema de puras diferenças o empurra, e responde fechando a **língua** sobre si própria, tampando o buraco. Ele convencionaliza seu sistema às custas de contradizer sua lógica. Poderia ter respondido de outra maneira? Não, porque ele estaria deixando de fazer linguística para fazer Lingüisteria¹¹; isso seria ir pelo caminho, que ele próprio sulca, do campo da linguística para o da psicanálise.

Do projeto científico de Saussure à questão do sujeito

A hipótese de Alain Juranville¹² sobre a análise saussureana do **signo** linguístico é nosso ponto de partida para pensarmos a obra do linguista genebrino. Em resumo, esta consiste em afirmar que foram exigências científicas as que conduziram Saussure a pôr em dúvida o **signo** tal como a semiologia clássica o apresentava. Estas exigências são: “excluir qualquer preexistência do significado, qualquer existência do significado fora da sua relação com o significante”.

Pois uma ciência da linguagem que se prenda ao dado da linguagem deve excluir qualquer preexistência do significado, qualquer existência do significado fora da sua relação com o significante.

Nessas condições, vimos que se reproduzem para o significado as mesmas relações que aparecem para o significante.¹³

¹¹ Lingüisteria é o termo pelo que Lacan denomina a sua prática da linguagem. “Sua abordagem da linguagem, nos diz Darmon referindo-se a Lacan, faz-se pela experiência específica da psicanálise. É porque ele pode falar em linguisteria” (Darmon 1994, p.25).

¹² Não nos aprofundaremos neste trabalho na idéia de ciência de Juranville, apenas levantaremos os pontos nesta introdução que dizem respeito a este trabalho.

¹³ Juranville 1995, p. 46

Significado e significante, para Saussure, são inseparáveis do conceito de **língua**, e independem de alguma ação exterior. Nisso baseia-se, a nosso ver, o projeto científico que o leva à elaboração da **Língua**, e o conceito de imanência responde a tal projeto quando pensado no sistema saussureno.

Assim, Saussure, ao questionar o **signo**, questiona a linguagem humana (e, em consequência, o mundo tal como o entendemos), chegando ao conceito de **língua**.

Se Saussure fez do conceito de **signo** o conceito central da sua teoria, a idéia de fundar uma ciência levou-o a fazer um novo exame do que fora tomado como uma evidência, o próprio **signo**, e o resultado foi a concepção saussureana de linguagem.

A **língua**, afirma Saussure, é um sistema de **signos**.¹⁴ Tomando-a como seu objeto, ele não poupa esforços para permanecer dentro do âmbito da ciência. Trabalho complicado o de Saussure, já que seu objeto de estudo é também sua ferramenta para realizar esse estudo. Para poder realizar sua tarefa, deve se desvencilhar dos significados que fiquem fora da relação positiva **significado- significante**; assim Saussure pretende obter um dado puro que julga apropriado para um estudo científico.

Mas parar de falar de significados não seria parar de falar em **signos**? Sim, se os **signos** tem seu fundamento em significados que estão fora do sistema; não, se estes significados são parte do sistema fechado da **língua**, poderia responder Saussure.

Em todo caso, um problema perfila-se quando as duas ordens do **signo** são emparelhadas, e então a lógica que organiza o campo dos significados mostra-se a mesma que organiza o campo dos significantes. Como sustentar uma hierarquia entre um e outro campo? Como passar de um campo para outro sem ainda permanecer no mesmo? Seguindo os passos de Saussure chegamos a um beco, no mínimo, de difícil saída.

¹⁴Saussure 1995, p.18

A solução saussureana foi colocar algo que assegure a “imanência” do sistema que é a **língua**, a ordem social. O problema que se suscita então é que este social termina sendo uma transcendência, o que faz com que todos os esforços cientificistas de Saussure fiquem em questão por colocar, para seu sistema, um ancoramento, como mediador das diferenças, ‘o social normativo’.

Uma solução para o momento em que Saussure se depara com a pura diferença é dizer que existe uma primazia do significante sobre o significado, essa é a resposta de Lacan. Mas, como temos dito, a saída de Saussure é outra. Saussure afirma que a **Língua** é social e tenta estancar a crise aberta por seu pensamento através do amálgama que se estabelece entre significado e significante. Cerca assim o caminho do capítulo IV dedicado ao “Valor Lingüístico”, que conduz à arbitrariedade radical do **signo**. Levar à risca a arbitrariedade que entendemos ser propriamente saussureana coloca-nos de frente para a vertigem da **Língua**, seu caráter sincrônico.

Lacan, quem como se sabe, baseou-se em diferentes pensadores para realizar sua leitura da obra freudiana. Ele descobre sobre a pena de Delacroix¹⁵ a teoria saussureana da **língua**, da qual fará um uso fecundo montando a articulação sujeito – significante.

A rigor, as relações de Lacan com Saussure e com o **signo** saussureano não parecem tão simples, como tampouco o são as de Saussure com sua própria obra. O caminho que leva ao coração dessa obra não é imediato, e podemos imaginar a Saussure atormentado nos traçados do percurso que ele próprio delinea.

Lacan lê em Saussure mais além do que o próprio Saussure, com seu **desejo de cientista**, decidiu ir. Saussure avança com seu desejo e recua ante o atravessamento da

¹⁵ Delacroix baseava-se no *Curso* para trabalhar o tema das afasias. Entre os motivos pelo qual é lembrado, é que foi professor de filosofia de Sartre.

encarnação de seu Grande Outro, “A Ciência”. Até onde teria chegado Saussure, se tivesse levado seu sistema diferencial até as últimas conseqüências?

Saussure depara-se com a conseqüência de seu ato, isto é, fica sem resposta para a questão da **causa**, “a precedência do significado”. O ato a que nos referimos, é o fato de ele ter criado as condições para uma ‘pura imanência’, não baseando a existência do **signo** na antecedência do significado fora dele próprio. Entendemos que esta era, para ele, a terra fértil e apropriada para assentar uma linguística científica.

À medida que Saussure vai desenvolvendo sua teoria, o **signo**, para ele, não conterá em si mesmo uma relação de finalidade entre os elementos, significado e significante, o que nos confirma a ruptura com o conceito filosófico de **signo**. Em decorrência disto, Saussure topa com a impossibilidade de uma semiologia assentada na precedência do significante sobre o significado, ou seja, significados em el mundo. Saussure recusa-se a admitir um pensamento “previo” como referência para seu sistema, um pensamento que exista antes de ser significado. Esta relação de “finalidade” da qual ele se desvencilha fere, por conseqüência, desde uma posição teleológica, a causa. Para sair deste problema de ordem causal, a topologia, pelas portas freudianas que reconduzem ao sujeito foracluído da ciência, é um bom caminho.

Mas, então, se o significado, não precede o significante com que está associado no signo; como podemos considerar que se deve determinar a diferença dos significados?

Segundo qual princípio?

Não poderíamos escapar a essa pergunta, já que:

“O significado não depende “dos objetos de pensamento enquanto precedem a linguagem” e sim das relações que habitam o sistema fechado da **língua**; é aí que o significante toma corpo (simbólico) a partir dessa “pura diferença” “como um meio para expressar as diferenças do significado”¹⁶.

¹⁶ Juranvile 1995, p. 44

Lacan, por sua vez, parte do conceito de significante para a abordagem do sujeito da Psicanálise, conceito que afirma ter tomado de Saussure, o que merece uma série de considerações. Como dissemos, Jacques Lacan teria se baseado em diversos pensadores em sua apresentação da teoria psicanalítica; entre eles, Ferdinand de Saussure, a quem rende homenagem na sua obra.

O médico e psicanalista francês Jacques Lacan situa seu encontro formal com o significante a partir de Saussure assim:

Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:

$$\frac{S}{s}$$

que lê-se : significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa suas duas etapas.

O **signo** assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas sob os quais aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos dos anos 1906-1907, 1908- 1909, 1910-1911, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título *Curso de Lingüística Geral*...

Eis porque é legítimo lhe rendermos homenagem pela formalização:

$$\frac{S}{s}$$

em que se caracteriza, na diversidade das escolas, a etapa moderna da lingüística.¹⁷

A pergunta que se impõe é: Qual é o estatuto do significante saussureano com que Lacan trabalha? Aquele que permanece fiel à radicalidade da arbitrariedade que Saussure descobre no signo.

A partir da atribuição de Lacan a Saussure do algoritmo “Significante sobre significado” interessa-nos, em princípio, examinar o caráter que o significante adquire no

campo da Lingüística a partir de Saussure, a partir dessa formalização, e qual é esse caráter no campo da Psicanálise.

Não obstante a identidade anunciada por Lacan entre o “seu” signo e o saussureano, não é tão transparente assim. Nada autoriza a afirmar que a rigor a Psicanálise e a Lingüística estejam trabalhando com o mesmo conceito de significante, o que faz com nos detenhamos a pensar qual é a idéia de **signo** lingüístico para Saussure e qual é para Lacan.

Partimos da hipótese de que o estatuto do significante na teoria Psicanalítica e na ciência Lingüística devam albergar diferenças tão fundamentais como as que fazem as que constituem as suas epistemês. Para verificar essa hipótese trabalharemos diferenças entre o sujeito da ciência e o da psicanálise. Este caminho foi escolhido entre outros por ter sido o do próprio Lacan num momento decisivo de seu percurso quando localiza a dimensão do inconsciente a partir de uma nova reflexão iniciada antes da segunda guerra e concluída a partir de uma nova reflexão sobre o *Cogito* no ano de 1949.

Como harmonizar o desejo de ciência de Saussure com as conseqüências a serem extraídas do capítulo do valor lingüístico do “Curso de Lingüística Geral”? No limite, a dimensão do significante questiona o pensamento do próprio Saussure e seu projeto científico.

Para pensar o seu desejo de ciência e as evidências às quais ele remete, isto é, para desenvolver o que será tratado como “o impasse saussureano”, é que nos vemos levados a recorrer ao conceito freudiano de massa e aos conceitos lacanianos de “sujeito da ciência” e “sujeito da psicanálise”. O impasse de Saussure marca-se, a nosso entender, pelo limite entre o “desejo que o habita” e o sujeito (dividido, foracluído) que a Ciência não consegue suturar.

¹⁷ Lacan 1998, p.500

O conceito do significante, tal como neste trabalho será abordado, é inseparável da “Subversão do sujeito” em Psicanálise. O sujeito a que a Psicanálise se refere é tomado desde sua causa, sua divisão, num momento lógico, diremos, anterior o que faz com que o saber e a verdade coincidam no sujeito cartesiano. Ao ser tomado nessa essa ótica, está foracluído, e no mesmo ato, fracassa a sutura da divisão constitutiva do sujeito o sujeito da ciência.

O nome da Ciência se faz depositário do tesouro das produções dos homens de ciência, produções que o homem de ciência avaliza em nome próprio.

O Linguísta de Genebra instalou seu nome como ‘significante mestre’¹⁸ desde onde referem-se as produções de uma Lingüística dita saussureana .

Assim, distinguimos os homens de ciência do sujeito próprio de um determinado discurso que é o da ciência, tal como é entendido pela psicanálise.

O sujeito da ciência é aquele que fica foracluído, “o desejo não é a panacéia da consciência, dirá O.Masotta¹⁹, o desejo traz dor”, porém desse sujeito, o da ciência , nada saberemos a não ser pelos paradoxos ou impasses, como neste caso, que apontam um furo aí onde a verdade pretende ser “Toda” .

O homem de ciência possui um desejo de ciência, desejo impossível para o sujeito tal como a psicanálise o entende, tão impossível como qualquer outro desejo.

Para trilhar o caminho, partimos do campo do Sujeito foracluído da ciência, por este ser o campo comum onde habita a nossa questão.

Os conceitos Saussureanos serão apresentados desde a ótica que a sua abordagem linguística clássica nos fornece, ‘com algumas intervenções’.

¹⁸ O significante mestre, para Lacan e aquele a partir do qual se organiza um sistema.

¹⁹ Masotta 1996, p.116

I

O Sujeito da Psicanálise e o da Ciência?

Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar.²⁰

IFalar de ciência, dos precedentes da ciência moderna, é falar de Descartes, de Cogito e também de certeza, e de Ego.

Neste capítulo, nos propomos a trabalhar a armadura Descartes - Cogito – certeza/ Sujeito- Freud - Ego - massa, para, a partir das articulações conceituais propostas por estes autores, podermos pensar o percurso saussureano. Lacan utilizou-se das portas que Saussure deixara abertas com a essencial distinção entre significante e significado e ultrapassou os domínios da lingüística para fundamentar a existência do inconsciente. A partir do campo da psicanálise é que retornamos a Saussure para pensar a dicotomia social-individual.

Apoiaremos- nos para realizar a passagem que vai do campo da lingüística ao da psicanálise, como a análise do momento de coincidência entre o sujeito da ciência e o da psicanálise. Ponto que nos propomos a desenvolver.

Do Cogito

René Descartes (1596-1650) propõe-se a fundamentar o saber com absoluta firmeza, e, com esse objetivo, funda uma filosofia que podemos chamar “da desconfiança”. Para esta filosofia, se o conhecimento não for absolutamente seguro, deve ser abandonado como insuficiente, pois existe uma preocupação que é fundamental: evitar o erro. Isto leva Descartes a se utilizar da dúvida metódica, para a obtenção segura do conhecimento.

Seu objetivo é alcançar um saber cuja verdade seja tão firme que esteja mais além de toda dúvida possível. Descartes elabora a crítica do saber sensível, e a do saber racional, e leva a dúvida ao extremo (dúvida hiperbólica). Nesse momento, a dúvida se converte no seu oposto, um conhecimento certo.

Adverti logo que, querendo eu pensar que tudo é falso, era necessário que eu que o pensava fosse alguma coisa; e observando que esta verdade: “eu penso, logo sou”, era tão firme e segura que as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de abalá-la, julguei que poderia recebê-la, sem escrúpulos, como o primeiro princípio da filosofia que andava buscando.²¹ Descartes *in* Garcia Morente 1980, p. 50-51

A famosa afirmação *cogito, ergo sum* (*penso, logo sou*) não pode ser colocada em dúvida. Ela estabelece uma identidade entre o pensamento e o ser.

Cogito, é um conhecimento intuitivo, isto é, o conhecemos de modo imediato e direto, e não através a uma premissa superior do qual seja deduzido: não temos mais que refletir sobre o *cogito* para nos dar conta, nele mesmo da sua verdade. Por isto Descartes prefere formular seu princípio desta outra maneira: “penso, sou”, onde, ao não aparecer a conjunção ‘logo’ se destaca de forma mais efetiva o caráter de imediatez do princípio e da identidade que aqui tenta-se pensar entre o pensamento e o ser.²² (Carpio 1977, p. 172)

²⁰ Freud 1974, p.71

²¹ Tradução minha.

²² Tradução minha.

A respeito do saber sensível, Descartes enuncia dois argumentos para provar que ele deve ser colocado em dúvida; o primeiro funda-se nas ilusões dos sentidos; o segundo, nos sonhos.

Os sentidos já nos enganaram e podem fazê-lo novamente. Quanto aos sonhos, eles podem também ser o caminho do engano, já que não temos como estabelecer um critério para discernir quando estamos acordados ou sonhando.

A respeito do conhecimento racional, Descartes enuncia também dois argumentos, o primeiro servindo para insinuar o segundo. Ele parte do fato de que, se nas matemáticas, que ele considera a mais racional das ciências, há a possibilidade de se equivocar, então, há a possibilidade, por mais remota que esta seja, de que todos os argumentos racionais sejam falsos. É possível, enfim, de que todo o conhecimento racional seja falso. Este primeiro argumento não é suficiente porque só diz respeito aos processos de nosso pensamento, e sendo dado que estes se apóiam em princípios que são conhecidos só intuitivamente, poder-se-á duvidar-se deles? Não podendo submeter a intuição à dúvida, ele elabora a segunda hipótese, a do gênio maligno, que começa assim:

“Suporei [...] que certo gênio ou espírito maligno, não menos astuto e burlador que poderoso, tem colocado sua indústria toda em me enganar”.²³ (Descartes *in*, Garcia Morente p.99)

Se o saber racional é também duvidoso, se a razão mesma torna-se um problema, já nada poderia ser feito. Descartes compara esta situação com a de quem caiu em águas profundas e fica tão longe da superfície quanto do fundo.

O passo a ser dado por Descartes é tratar de fundamentar a razão, o saber racional, e o fará mediante o *Cogito*.

²³ Tradução minha.

Embora suponha que o gênio maligno exista e exerça seu poder maléfico sobre mim, eu próprio tenho que existir porque, de outra maneira, não poderia sequer ser enganado.

Não cabe, pois, dúvida de que eu sou, já que me engana [o gênio maligno], e, por muito que ele me engane, nunca conseguirá fazer com que eu seja nada, enquanto eu esteja pensando que eu sou algo. De sorte que, tendo pensado bem e tendo examinado cuidadosamente tudo, há que concluir por último e ter por constante que a proposição seguinte: “eu sou, eu existo”, é necessariamente verdadeira, na medida em que a estou pronunciando ou a concebendo no meu espírito.²⁴ (Descartes *in*, Garcia Morente p.99)

Se considerarmos a produção da certeza (da qual deriva a fundamentação do *Cogito* em Descartes) como uma conseqüência da extinção da dúvida, será a própria dúvida que vai se evidenciar como tendo sido parte de uma estratégia metódica. A principal regra do método no sistema de Descartes está enunciada na Segunda parte do discurso do método, é a regra de *Clareza e Distinção*.²⁵ Segundo ela, um conhecimento deve ser admitido como verdadeiro só no caso em que este seja *evidente*.

A “**evidência**”, nos diz Descartes, tem duas características: **clareza e distinção**; assim: “um conhecimento é claro quando está presente e manifesto num espírito atento”.

A idéia mesma a qual refiro-me deve se manifestar diretamente ante o espírito, se fazer imediatamente presente ante este. Por exemplo: se tenho uma dor, esta dor é algo claro, enquanto que, se a dor desaparece, e apenas tenho uma lembrança dela, esse conhecimento é obscuro. Se, além disso, no conhecimento de algo, não há nada que não pertença a esse algo, será um conhecimento **distinto** por exemplo, “o triângulo é uma

²⁴ Ibid. 102

²⁵ Notas da aula do Prof. Luiz Henrique Dutra. A evidência e a distinção funcionam como regra só após ser comprovada a existência de Deus, antes disso apenas são características da ‘verdade’.

figura de três lados”. Retomando nosso exemplo da dor, esta dor pode ser um conhecimento claro mas é confuso já que posso não saber sobre aquilo que o causa.

Também é confuso pensar, segundo Descartes, “o triângulo é uma figura”, já que sobre o termo “figuras” podem ser incluídas as que tem dois lados, quatro, etc: Um conhecimento distinto estaria expresso assim: “O triângulo é uma figura de três lados”.

A respeito do que faz parte do conteúdo qualitativo do pensamento, a saída da dúvida opera-se mediante uma consideração que poderíamos exprimir do seguinte modo: não importa o que penso, nem sequer importa se o que penso é verdadeiro ou falso, o que importa é que há ao menos uma coisa que é indubitável: é que eu penso. *O Cogito* é um conhecimento que não dá margem a dúvidas por ser *evidente* para o espírito, mas isso não é suficiente (*O Cogito*, por si próprio não fundamenta nada, a não ser que o ponto de apoio a partir do qual começa a fundamentação da verdade; cuja garantia é Deus). Porque, se bem que do *Cogito* não podemos duvidar, ele não é suficiente para garantir a verdade (clareza e distinção ainda não configuram uma regra).

A realidade cartesiana ficará fundamentada a partir do ato do pensamento, e é de uma ordem tal que a proposição que desse ato deriva exorciza toda dúvida. Dizemos exorciza porque a instância que, ao final, garante a certeza para o homem em Descartes é Deus.

Embora seja verdade que o gênio maligno não possa nos enganar a respeito do *Cogito*, ele pode nos enganar a respeito de qualquer outro conhecimento, por mais evidente que ele seja. Se queremos garantir a certeza que com o *Cogito* inaugura-se para o conhecimento humano, é preciso eliminar por completo a hipótese do gênio maligno. Isto Descartes vai conseguir mediante a demonstração da existência de Deus.

... Deus é uma substância pensante e infinita (à diferença do homem que é finito), é perfeito, não pode ser enganador e não pode ser mentiroso, senão eminentemente veraz. Se ele nos fez, pois, com a nossa razão e as nossas idéias inatas, isto quer dizer que estas idéias são instrumentos válidos para o conhecimento, de maneira que a *veracidade de Deus* é a garantia e o fundamento da verdade do conhecimento, claro e distinto.²⁶ (Carpio 1977, p. 172)

Descartes é definido como um homem novo, “o primeiro homem moderno”²⁷, porque, mediante o *Cogito*, ele outorga autoridade ao pensamento individual e racional. O *Cogito* constitui-se como primeiro princípio da filosofia, segundo Adolfo.P. Carpio,

... primeiro do ponto de vista gnoseológico, metodológico, na medida que constitui o primeiro conhecimento seguro, o fundamento de qualquer outra verdade, e o ponto de partida para construir todo o edifício da filosofia e do saber em geral; e o primeiro também do ponto de vista ontológico, porque me põe em presença do primeiro ente indubitavelmente existente - que sou eu mesmo à medida que penso.²⁸ (Carpio 1977, p. 177)

Sobre o fundo de uma crítica à forma de conhecimento da Idade Média baseada no silogismo é que Adolfo. P. Carpio situa Descartes:

O silogismo não pode determinar a verdade dos conhecimentos. Pode ter valor como método de exposição, ou seja, para apresentar ordenadamente verdades já sabidas; nesse sentido o saber tinha legitimidade para a Idade Média, enquanto que as verdades já estavam dadas pelas escrituras ou por Aristóteles. Isto não pode servir para obter novos conhecimentos, que é o que os tempos modernos exigem; não é um método para o descobrimento de novas verdades, não é *ars inveniendi* (arte de descobrimento,) como então dizia-se.

A nova época pretende acabar com discussões meramente verbais, encontrar um método que permita ir às coisas mesmas, de forma que cada indivíduo possa encontrar o conhecimento por conta própria e sem recurso a nenhuma autoridade que não seja aquela que brota da razão humana”²⁹ (Carpio 1977, pp. 163-164)

²⁶ Tradução minha.

²⁷ Tradução minha.

²⁸ Tradução minha.

²⁹ Tradução minha.

O que é preciso destacar, a fim de pensar a questão do significante em Lacan atrelada à idéia de sujeito, é a posição que a Psicanálise sustenta, da impossibilidade que se instala de acesso ao Saber, que constitui a divisão entre o saber e a verdade. Por seu lado, a filosofia derivada do *Cogito* afirma que o conhecimento pode ser verdadeiro, mas a clivagem entre saber e verdade também é localizável no *Cogito*.

O sujeito de Lacan se separa do de Descartes no ponto onde a consciência de si do Sujeito cartesiano capta seus pensamentos, suas representações e suas verdades, constituindo ‘o saber e a verdade, o bloco ideal, ou melhor, este bloco é o próprio “ideal” ao qual aspira a ciência.

Lacan retoma o princípio fundamental da filosofia cartesiana, tomando como base o descobrimento freudiano do inconsciente: “sou, onde não penso”. Isto supõe uma ruptura com esta filosofia: ele impõe à ontologia do cogito um ‘corte’ que introduz, com isso, um corte epistemológico. O corte atravessa a totalidade ontológica fundamentada na identidade entre pensamento e ser que o “eu sou” cartesiano nos endereça. Diremos que esse ser que fala quer um ser completo, quer alcança-lo por meio da sua fala. Para Lacan existe o **ato da fala**, a enunciação, nos diz Juranville. Este ato de fala comporta um sujeito veiculado pelo significante em sua relação com outro significante. Em psicanálise “o significante se define como agindo, antes de mais nada, como separado da sua significação”.³⁰

Em seguida, existe a passagem ao significado, ali onde efetivamente se pode falar no ser. E, é nesse momento que se torna possível uma certeza que se constituirá propriamente e, enfim, se afirmará no ato efetivo da fala do sujeito. Porque falar é assumir o significado e, portanto, o fenômeno da castração.³¹

³⁰ Lacan 1998, p. 890

³¹ Lacan 1998, p. 129

A descoberta de Descartes consiste na descoberta da ‘certeza de si’ (consciência reflexiva). Este sujeito, estabelecido por Descartes e garantido pela certeza de seus pensamentos, é soberano de seus objetos de pensamento. Para a psicanálise, a certeza do sujeito é um sintoma, ela própria é um sintoma, o ego. Esse sintoma diz de um sujeito que é representado por seu *ego*, e é verdade parcial.

A comparação e a aproximação entre Lacan e Descartes são, portanto, bem justificadas pela comunhão de um movimento pelo qual se deduz a certeza de um sujeito, mas logo vêm à luz numerosas dificuldades. A dificuldade quanto à natureza da certeza do *Cogito* nos leva a interrogarmos sobre o sentido da descoberta cartesiana em Lacan sentido da sua descoberta – é ele que determina o papel histórico de Descartes – é o estabelecimento da certeza própria do sujeito do desejo enquanto sujeito, e enquanto é apenas desejo, e portanto verdade parcial. Essa certeza é essencialmente impossível para o louco. Ela pressupõe uma situação intermediária entre a loucura e a sabedoria. “Nega a idéia, tão comum antes do pensamento cartesiano, de uma loucura no mundo.”³²

Já o sujeito tal como a psicanálise o pensa, é localizável numa fenda que dará lugar à cadeia da fala; sua verdade é sua castração. A própria cadeia significante revela um sujeito que possui uma ‘falta em ser’, e que, por isso precisa falar.

Para a psicanálise, o sujeito ao falar utiliza palavras, significantes, que são de uma outra natureza que não o *signo* inato que um animal pode reconhecer.³³

Aquele que fala jamais poderá, ele próprio, se definir com essas palavras, já que cada uma delas remete a outra, e assim por diante até o infinito. Aquele que fala, o faz mediatizado pela ordem simbólica que o aliena do contato imediato com ‘a coisa’.³⁴

Por seu turno, o sujeito da certeza cartesiana vem a se tornar o paradigma do Sujeito da Ciência. Lacan toma o ‘Sujeito Moderno’, como também pode ser chamado o Sujeito

³² Id. *Ibid*

³³ Trabaharemos a diferença entre a linguagem animal e a humana mais adiante.

da Ciência, desde sua vertente filosófica, e logo impõe ao *Cogito* sua pontuação particular :

Conhecemos a distorção a que Lacan fez o cogito cartesiano sofrer.

A psicanálise - graças a uma pontuação singular - quebra a sintaxe gramatical do cogito em dois níveis distintos. A escritura transformada em penso: “logo sou” que ocupa o nível da enunciação do logo sou que permanece ao nível do enunciado. Separação significativa para nós, pois revela que o ato de pensar (penso) é inconsciente e que o enunciado existencial (logo sou) é pensado, isto é, fortalecido pela palavra ainda que não necessariamente dito.³⁵

Este momento inaugural de certeza é localizável e reconhecível como um dos momentos do sujeito, tal como a Psicanálise o pensa. É o momento da “suposição imaginária de saber”, particular montagem imaginária em que, por um lado, alguém se atribui uma existência “eu sou”, e, por outro, garante - se “uma testemunha divina” dessa asserção como verdade, um Outro absoluto.

Diremos que a determinação da consciência de si captando-se como pensante, captando seus pensamentos, determina, em Descartes, o ser o “eu sou”. Esse é um ser sobre o qual a Psicanálise tem algo mais a dizer. Pode parecer paradoxal numa vertente filosófica que o “eu sou” cartesiano termine num “eu sou onde não penso”. Isso indica que temos realizado um giro epistemológico. Mas o ato de fala atribuído ao *Cogito* é o ponto nodal desde onde a subversão do campo da verdade pode ser operada.

O sujeito cartesiano divide-se entre saber e verdade, e só após sua identificação com o pensamento é que pode ser chamado de *Cogito*. É o sujeito dividido o correlato do sujeito da ciência. Podemos pensar o sujeito da ciência na sua relação com uma cadeia onde um significante remete a outro na busca da verdade. A partir da teorização do “sujeito da ciência”, Lacan atravessa a dimensão ontológica que as ciências humanas

³⁴ A questão da coisa “como irremediavelmente perdida” será trabalhada no último item deste capítulo, O

propõem, sugerindo uma lógica para esse sujeito da incompletude. A partir do momento em que a díade saber e verdade é recolocada em questão é que o sujeito da psicanálise pode ser possível. A verdade é colocada em questão desde o campo da linguagem.

A Psicanálise e o Campo da Linguagem

Se a inserção histórico cultural da psicanálise delimita-se a partir dos modelos vigentes na época, especialmente os vinculados aos modelos da termodinâmica e do evolucionismo, o espaço em que o discurso psicanalítico vai se configurando instala, por sua vez, o que pode parecer um paradoxo, segundo Lacan. Isso acontece quando se estabelece o ponto de coincidência entre o sujeito que pode ser teorizado com o advento da psicanálise e aquele da ciência moderna.

Lacan apresenta assim esta coincidência no artigo “A Ciência e a verdade”: “Dizer que o sujeito sobre que operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo”³⁶

A este respeito Nina Leite comenta: “... para Lacan a Psicanálise não é concebível sem a suturação que a ciência moderna opera com relação ao sujeito”³⁷

No discurso da ciência, o sujeito está suturado, o que não quer dizer que esteja ausente senão que está representado na cadeia significante (lembremos que foi a partir da

“eu”, quando trabalharmos a primeira experiência de satisfação.

³⁵ Nasio 1991, p.37

³⁶ Lacan 1998, p. 873

³⁷ Leite 1994, p. 72

consideração das rupturas da cadeia que a psicanálise foi possível). Por isso diremos que a sutura fracassa.

A sutura nomeia a relação entre o sujeito e a cadeia, ele figura nesta como um elemento que falta, sob a forma de um representante. Pois ao faltar não está simplesmente ausente.³⁸

O significante será o elemento que representa este sujeito. O artigo “A ciência e a verdade” anuncia que a sutura não favorece o fechamento da cadeia; Lacan aí quer mostrar-nos que “a ciência fracassava em suturar ou em formalizar integralmente o sujeito”.

O fator certeza é fundamental para pensar o sujeito da psicanálise. Queremos destacar com esta afirmação que o sujeito freudiano funda-se na base de uma certa economia egóica a partir de Descartes. Pensemos em Sócrates. Quando ele é convidado a se suicidar ou sair da Grécia, prefere tomar cicuta. Entendemos que esta decisão se deva ao grau de comprometimento, ou seja, de endereçamento subjetivo, que o cidadão grego tinha com a pólis, seu Grande Outro. Seguramente a Psicanálise não seria possível sem o grau de comprometimento subjetivo que o ser humano moderno tem com seu Ego.

O que é impensável, é por exemplo, é que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência, no século do talento, o XVII.³⁹

O *Cogito* constitui um momento fundamental do sujeito na medida que o divide entre a verdade e o saber. O sujeito do inconsciente perpetua a linguagem do *Cogito*.

³⁸ Miller 1985, p.6

³⁹ Lacan 1998, p. 871

Do lado do discurso da ciência, o sujeito é foracluído, então um significante remete a outro sem representar um sujeito. Do lado do discurso da psicanálise, o sujeito permanece dividido entre saber e verdade e isto funda seu estatuto.

Retomamos então Nina Leite:

Paradoxo que se esclarece quando observamos que o sujeito em questão, na psicanálise é o sujeito foracluído ou suturado pela ciência. Não estando portanto exterior à psicanálise, a ciência não pode aí se colocar como regulação, devendo então a psicanálise encontrar por si mesma seus princípios.⁴⁰

Nós preferimos falar numa identidade paradoxal; o sujeito cartesiano é o mesmo que o da psicanálise e não é ao mesmo tempo, e essa ambigüidade resolve-se moebianamente. O sujeito em questão conduz-nos à lógica do inconsciente, instância em que não vigora o princípio de não-contradição, isto é, em que algo pode ter uma propriedade de pode não tê-la ao mesmo tempo. A esta última lógica será chamada por nós de **Lógica freudiana**.

Continuando, se os princípios da Psicanálise não poderiam ser os mesmos que os da ciência, isto acontece porque o saber com que a Psicanálise lida é Outro, o do inconsciente, que não é um saber mensurável, senão imensurável.

O sujeito da ciência é subvertido pela psicanálise no ponto em que ela diz que o sujeito é desejante, isto é, submetido a outras leis: as do inconsciente, como foi dito antes. Concordamos com a autora que a ciência não constitui um exterior. Trabalharemos com essas idéias por irem ao encontro de nossa temática.

O desejo ao qual nos referimos é aquele que para Lacan divide o sujeito. Não se deve entender por divisão que o sujeito sofre uma partilha em dois, senão um desaparecimento do sujeito na cadeia da fala, reaparecendo nas rupturas desta.

⁴⁰ Leite 1994, p. 33

Os paradoxos da lógica, os sonhos, os atos falhos, enfim o sintoma, dizem do que emerge do mais além da sutura. Lacan, referindo-se à lógica moderna, coloca:

É inegável a conseqüência estritamente determinada de uma tentativa de suturar ao sujeito da ciência, e o último teorema de Godel mostra que fracassa, o que quer dizer que o sujeito em questão segue sendo o correlato da ciência, mas um correlato antinômico já que a ciência mostra-se definida pelo não-êxito do esforço de suturá-la⁴¹

Retomando o comentário de N. Leite, concordamos com a autora quando ela afirma que a ciência não se constitui como um exterior à Psicanálise, e acrescentamos, não como um exterior tópico. A verdade toma o estatuto de parcial para a Psicanálise.

Como a teoria saussureana pode ser pensada desde as perspectivas expostas?

Para Saussure, existe o ato de fala que vai banir do sistema da **língua**. Para ele o sistema da **língua** vai lhe proporcionar valores estáveis uma vez que Saussure fecha a ordem sobre si própria. Mas cada elemento do sistema antecede uma diferença, portanto este sistema deve começar com uma diferença para logo ter um primeiro elemento. Essa diferença primeira, a nossa ver é a dimensão subjetiva, que Saussure acredita ter banido do sistema ao coletivizar a **língua** em detrimento do indivíduo.

A inteiridade que Saussure recupera ao fechar sobre si próprio o sistema é imaginária. O autor, com seu sistema diferencial, deparou-se com a fenda, o abismo, o real irremediavelmente perdido, isto é, o sentido que completa o sistema. Esse furo na estrutura, “primeira diferença perdida saussureana”, em nossa perspectiva, é o sujeito ao qual a Psicanálise faz referência.

O Social e o Individual

Saussure, ao elaborar o conceito de **língua**, a define como um ‘produto social da faculdade da linguagem’⁴². Neste item trabalharemos ‘O Social e o Individual’ sob a ótica da psicanálise, com o intuito de retomar reflexões anteriores e pensar o fato ‘social’ e o ‘individual’ da **língua** saussureana desde esta abordagem. Em princípio abordaremos o conceito de massa, para, em seguida, articulá-lo ao conceito de Ego, do qual vamos resgatar o histórico na obra freudiana.

Se bem que Freud fale de Ego desde seus primeiros escritos, esta noção tem-se renovado por aportes sucessivos. Seguindo as palavras de Laplanche e Pontalis

...não acreditamos que seja desejável estabelecer desde o princípio uma distinção categórica entre o eu como pessoa e o ego como instância, já que a articulação destas duas acepções forma o núcleo da problemática do ego.⁴³

A problemática citada refere-se a que alguns autores, com o afã do esclarecimento de questões não resolvidas da obra freudiana (como é a própria questão de que o Inc seja caracterizado em termos de lugares), fazem coincidir o Ego como instância com um Ego entendido como sobre-estrutura da personalidade, caindo na ilusão de uma autonomia egóica. O Ego ou Eu pode ser definido, na teoria freudiana, como uma função imaginária. Uma reflexão sobre o termo ‘sujeito’, adotado por Lacan, pode nos auxiliar a analisar o matiz humanístico que recai sobre a noção de Eu.

Nina Leite descreve o “ser afetado pela linguagem”, ou o “sujeito” ao qual Lacan se refere na sua obra, da seguinte maneira:

⁴¹ Lacan 1998, p. 840)

⁴² Saussure 1995, p.17.

⁴³ Laplanche 1985, p.458

Lacan mantém o termo sujeito para o que a estrutura constrói, a fim de despejar toda ambigüidade a respeito justamente do que há que abolir, pois se o sujeito do desejo se situa no nó da diferença, então toda referência humanística torna-se supérflua, e como tal deverá ser abolida. O que deve ser eliminado fica abolido, com a manutenção do termo sujeito, até o ponto em que o próprio termo se destine ao que substitui. Esta a estratégia de Lacan na conservação do termo 'sujeito'.⁴⁴

Se o sujeito freudiano fica desprovido de toda referência humanística, como foi dito antes, este corresponderá a uma lógica da incompletude na obra de Lacan. Será a partir dessa lógica que deve ser lido, nessa obra, o termo sujeito. Por outro lado será mediante sua imagem (ou a do outro) que o indivíduo tentará chegar ao ser, a uma completude.

Porque é definido como ser pelos significantes que lhe foram atribuídos em seu nascimento e porque esses significantes remetem sempre a outros significantes, o sujeito não chega a se definir completamente, não chega ao Ser. Algo do que é lhe escapa, ele não consegue gozar completamente. Relaciona então seu ser a sua imagem, e seu reflexo representa o lugar onde pode gozar. Mas, como não pode ver sua própria imagem, a de seu próximo assumirá seu próprio valor. O homem não pode ver-se a si mesmo, o indivíduo não existe antes da sua relação com o semelhante. Lacan, no seminário II, dedicado à análise do eu na teoria analítica, pergunta, "O que é a miragem no espelho? Os raios que voltam do espelho nos fazem situar num espaço imaginário."⁴⁵

No mesmo texto, mais adiante, encontramos:

"O próprio eu é um dos elementos significativos do discurso comum, que é o discurso do inconsciente. Como tal, como miragem, ele está preso na cadeia dos símbolos."⁴⁶

⁴⁴ Leite 1994, p.75

⁴⁵ Lacan 1989, p.62

⁴⁶ Lacan 1989, p.264

Como o homem pode reconhecer no semelhante o que lhe diz respeito?

Ele o faz através do símbolo, da cadeia de símbolos, que Lacan denuncia como sendo sua prisão. A raça, a religião e a ideologia permitem-lhe, mediante um traço de identificação, que reconheça seu irmão. Assim assegura-se de sua própria existência.

O traço de identificação tem aqui uma função central, nos diz Pommier:

...já que permite o domínio antecipado da imagem, e aquele que outorga o traço coletivo, ou seja, a dominação que faz sinal de reconhecimento, ocupa uma posição de ideal, de domínio. A estrutura elementar da massa encontra-se assim definida. O sujeito não pode ver a si próprio, encontra sua própria imagem no semelhante e assim constitui a massa.⁴⁷

Mais adiante o autor de “Freud Apolítico?” faz uma equivalência entre o indivíduo e o eu, desmontando a oposição social – individual.

Se o coletivo é uma formação do inconsciente, a oposição do individual e do social, do privado e do político perde toda sua pertinência. “O indivíduo” longe de preexistir à massa, é, ao contrário produzido por ela. A “pessoa” é apenas o resultado da relação com o semelhante. Com efeito, assim como o narcisismo não existe desde o início, mas toma forma com a fase do espelho, do mesmo modo o “eu”, o indivíduo não existe antes da sua relação com o semelhante, antes de sua constituição mínima de massa que representa a relação de cada um com sua própria imagem, ou com a imagem do semelhante.⁴⁸

Saussure, como todos sabemos, distingue o fato ‘social’ do ‘ato’ individual ou ‘fala’. Ele supõe pelo menos dois indivíduos no ato de fala: “é o mínimo exigível para que o circuito seja completo”.

⁴⁷ Pommier 18-19

⁴⁸ Pommier 1989 p. 21

O ato individual supõe um outro, que teria bastante de especular se fôssemos nos guiar-nos pelo desenho que aparece no *Curso*.

Quanto ao ato ‘social’, lemos no *Curso*:

Para bem compreender tal papel, no entanto, impõe-se sair do ato individual, que não é senão o embrião da linguagem, e abordar o fato social.

Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão - não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente - os mesmos **signos** unidos aos mesmos conceitos.⁴⁹

A colocação “todos os indivíduos assim unidos pela linguagem” sugere uma idéia de massa. O que queremos destacar é que esse ‘meio-termo’, a nosso entender, revela uma falta de completude, de um impossível que habita a **língua**, um impossível de completude que deve ser solucionado para que a **língua** constitua uma ordem fechada sobre si. Saussure tira o indivíduo do sistema e consegue, através disto, fazer coincidir “aproximadamente os mesmos **signos** aos mesmos conceitos”. Na realidade, ele está com isso, forçando a sua teoria a omitir a diferença primeira que funda seu sistema de valores. Essa passagem citada mostra a necessidade de um “se pôr de acordo”. Diremos que a **língua** é um “todo por si”, com a condição de que a coletividade faça um acordo, resolva suas diferenças, forclua o sujeito.

É a partir destes pontos, e de outras considerações saussureanas, que no segundo capítulo faremos uma aproximação ou leitura da **língua** saussureana em termos topológicos, que considerará o social como um exterior-interno, como veremos.

⁴⁹ Saussure 1995

Faremos um histórico do “eu” na obra freudiana. Assimilamos esse eu ao ‘individual’, recuperando alguns momentos que consideramos relevantes do desenvolvimento deste conceito.

Eu

Em pleno auge das idéias próprias do liberalismo, matizadas da moral burguesa, Freud inova e, em vez de criticar os ritmos impostos pela vida moderna, dirige suas críticas à moral sexual civilizada:

Com efeito, se a responsabilidade pelas neuroses cabe à atitude moral diante da sexualidade, a educação que veicula essa moral se torna um agente direto da propagação da neurose, e a reforma dessa educação constituiria assim a via mais curta para uma transformação da moral sexual. A profilaxia das neuroses está nas mãos do educador, que pode ser influenciado pelo ensino da psicanálise. ... No entanto, ao mesmo tempo que critica a excessiva repressão sexual, Freud indica a possibilidade de que exista um elemento que ponha em xeque a perspectiva hedonista nesse nível. Já nessa época surge a suspeita de que poderia existir no âmago da civilização uma outra dimensão, diversa do princípio do prazer...⁵⁰

Na época em que Freud escreve “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898), sexualidade e sociedade lhe parecem conciliáveis. Neste momento, faz a distinção entre as “Psiconeuroses de defesa” e as “Neuroses atuais” e destaca o papel das de defesa. O conflito resultante provém da defesa do sujeito contra as representações de natureza sexual, incompatíveis com os ideais do “sujeito moral”; as representações são recusadas pela consciência, sucumbindo ao recalque.

⁵⁰ Millot. C 1989, p.77

O que há de tão insuportável na sexualidade a ponto de ser polêmica desde sempre? “Deve existir na sexualidade, em minha opinião, uma fonte independente de desprazer” (Manuscrito K, 1o de janeiro de 1896. Freud).

A retomada do problema se faz por sentido inverso: não seria a moral que perturba a sexualidade. Antes, a moralidade seria mais uma arma para combater um desprazer que, inerente à constituição sexuada, se representa articulado à pulsão sexual. As questões que se levantam, a partir da descoberta da sexualidade infantil, levarão ao esclarecimento da natureza da sexualidade humana, o que será abordado por Freud mais adiante em sua obra.

A primeira teoria pulsional é elaborada a partir da idéia de que as pulsões sexuais põem em perigo o organismo, daí o primeiro dualismo pulsional, que se resume em dois tipos de pulsões: as de autoconservação, ou do “Eu”, e as sexuais. O Ego, nesse momento, é pensado como dessexualizado.

No ano de 1910, para explicar a eleição do objeto nos homossexuais, Freud elaborou a trama que nos conduz em cheio ao problema do narcisismo: os homossexuais tomam-se a si mesmos como objeto sexual e, partindo desta situação narcisista, elegem jovens para amá-los como foram amados pelas suas mães. O sujeito começa a tomar-se a si próprio, a seu corpo, como objeto de amor, dirá Freud; isto permite uma primeira síntese das pulsões parciais. O próprio corpo como imagem unificada do Eu é tomado como objeto da libido narcisista e, em contraposição, o auto-erotismo designa a anarquia pulsional como a excitação sexual que nasce nas zonas erógenas e se satisfaz em cada uma delas. Seu modelo (auto-erotismo) é o dos lábios beijando-se a si próprios, dirá Lacan.

Freud utilizou o conceito de narcisismo (aparece no ano de 1913 em “Totem e Tabu”), antes de dedicar-lhe uma obra especial. Em 1914, com “Introdução ao narcisismo”, é que o situa no conjunto da sua teoria psicanalítica.

As psicoses, as quais Freud denominara neuroses narcisistas, revelam que a libido pode recair novamente no ego ao se desprender dos objetos.

A idéia do ego desvinculado, sem laços com a pulsão sexual, cairia por terra.

No ano de 1911, Freud tinha dado ao Eu uma função quase biológica, a de ser agente da adaptação, enfrentando os instintos e controlando o acesso à motilidade (primeira teoria das pulsões) agora, este Eu, resíduo de identificações passadas, imagem de si segundo os avatares do desejo, aquele que quer ser (ao melhor dos estilos cartesianos), pouco tem a ver com aquele primeiro Eu. Essa mudança deixou desconcertados aqueles que tinham entendido a teoria de acordo com o modelo proposto na primeira teoria pulsional.

Custava-lhes muito aceitar que esse Eu, que de algum modo tinha herdado a velha razão, fosse também representante da loucura, um personagem da fantasia, um objeto imaginário que poderia representar simultaneamente tanto a razão como a loucura”.⁵¹

A partir deste momento, pode-se traçar uma divisão no movimento psicanalítico: de um lado, estão os que decidem ancorar na idéia de sexualidade como real e trabalhar com ela em seu sentido imaginário; de outro, aqueles que acompanham o percurso certos de que “não existe um saber sobre o sexual e que, em matéria de castração, todos terão que se entender sozinhos”, parafraseando a Masotta.

Em 1905, Freud tenta dar uma resposta a este enigma: o sujeito reprime o sexual porque a sexualidade está referida e articulada ao desejo endogâmico que a cultura inibe

⁵¹ Fischer 1983, p.59

e proíbe. Mais tarde dirá que a sexualidade do adulto tem a ver com a maneira de ele referir a seus primeiros objetos; o corpo erógeno sexuado, capaz de gozo, se constitui nos primeiros anos. A dita modalidade ocupará um lugar destacado na fantasia (momento da montagem profantasmática), as fantasias se reatualizam no Édipo mas, sob ameaça de castração, as catexias libidinais são abandonadas.

Se há algo na sexualidade que incomoda, isto tem a ver com a castração. Esta legaliza uma falta estrutural e podemos pensá-la a partir dessa primeira experiência de satisfação que inaugura, com uma marca, a humanização do aparelho. Se dizemos humanização, é porque entendemos que a linguagem humana supõe um outro. A percepção de um primeiro objeto supõe que, onde só existiam cargas móveis, é a presença de um Outro pólo Simbólico - Imaginário que oferece a possibilidade de que as cargas se enlacen a representações. Isto é propiciado, fundamentalmente, pela percepção de um objeto que vem desse Outro. Mais tarde, mediante frustrações, essa primeira satisfação será re-significada como não-toda. Com a primeira experiência de satisfação, instala-se uma perda que é um, 'um a menos'.

A primeira tópica aparece formalizada pela primeira vez na *Interpretação dos Sonhos*. Neste texto, são distinguidos os três sistemas : Inconsciente, Pré-consciente e Consciente; sendo que cada um deles tem suas características particulares e a especialização, que lhe é própria.

A inclusão do inconsciente dinâmico, que relaciona o reprimido com o inconsciente, permitirá pensar o retorno do reprimido. O Aspecto dinâmico é indispensável para destacar que os sistemas encontram-se em conflito entre si. É a prática clínica que põe em evidência esse aspecto, esta o diferencial do descritivo, que por si só poderia dar a

impressão de que a cura passava por uma experiência de escavação arqueológica, pela possibilidade de tornar consciente todo o inconsciente. Possivelmente a origem de o aparelho psíquico ter sido pensado em termos de locais deva-se às ambições freudianas de encontrar uma correspondência neurológica para o psíquico. Com a metáfora do microscópio, Freud esclarece o que entende por lugar psíquico, os sistemas psíquicos corresponderiam mais a pontos virtuais do aparelho situados entre duas lentes, do que a suas peças materiais.

A introdução do aspecto dinâmico⁵² resolve em certa medida, o mal-entendido que o termo “Psicologia das profundezas” traz. O fato de Freud nos apresentar o aparelho psíquico em termos “tópicos” sugere a imagem de um aparelho com uma superfície e suas camadas inferiores, isso faz com que o inconsciente seja abordado arqueologicamente e, em consequência, a cura poderia ser erroneamente entendida como resultado de ter sido re-encontrada “a causa”, “a verdade” oculta no inconsciente.

A este respeito, Darmon escreve: ... a cura estaria ligada ao desvelamento, posição que foi aliás, por muito tempo, a de Freud, até a mudança de suas concepções com relação às resistências.⁵³

De forma esquemática, a distinção tópica tem duas respostas muito diferentes na obra freudiana. Uma é de porte genético, e a outra leva a postular a Freud a repressão originária. A primeira consiste em supor a aparição e diferenciação progressiva das instâncias a partir do sistema inconsciente (“todo o consciente há sido primeiro inconsciente”); a outra tenta explicar a constituição do inconsciente pelo processo de repressão.

⁵² Será à partir da Segundo Tópica freudiana que se formalizam os aspectos dinâmicos, descritivos e estruturais.

⁵³Darmon....

A leitura de Lacan, nos traz como proposta pensar o recalque originário como uma hiância, Spaltung, que experimenta o sujeito afetado pela linguagem, isto é , a divisão entre saber (de seu desejo) e verdade.

Entre a elaboração da primeira teoria pulsional e o conceito de narcisismo, que a modifica dando lugar a Segunda tópica e a uma distinção mais precisa do conceito de ego , fica formalizada a primeira tópica.

Será a partir da Segunda Tópica freudiana (1920) que o Ego ou Eu, se erigirá como representante dos interesses da totalidade da pessoa, e deverá ser distinguido “da pessoa humana” para ser abordado como o sujeito assujeitado ao significante.

A exclusão de uma leitura humanística, em favor de uma lógica do não-todo; nos permite sair do social entendido sumatoria de indivíduos (tema que já foi abordado neste primeiro capítulo), nos leva ao campo da linguagem.

Saussure chega ate esse ponto, mas aparentemente o faz pelo sentido inverso. Vai da diferença ao consenso, no segundo capítulo o veremos.

Faremos, no próximo e último capítulo, uma abordagem de alguns tópicos do *Curso*. No item destinado à análise do valor lingüístico, exploraremos o que consideramos o ‘gume do descobrimento saussureano’, localizando aí a questão de seu desejo. Por último e antes da conclusão, nos valeremos dos estudos de o Dr Karl Von Frisch sobre a linguagem animal para refletir sobre a **Língua** e a lógica da incompletude.

Através do percurso anunciado, pretendemos retomar a nosso ponto de partida. Já teremos, então, explorado os assuntos necessários para poder estabelecer o critério a partir do qual podemos entender a verdade que habita ao pensamento de Saussure, a que Lacan pretendeu destacar ao homenageá-lo.

II

Ao Outro

Al outro, a Borges , es a quien le ocurren las cosas. Yo camino por Buenos Aires y me demoro, acaso ya mecánicamente , para mirar el arco de um zaguán y la puerta cancel; de Borges tengo noticias por el correo y veo su nombre en una terna de profesores o en un diccionario biográfico.(...)Sería exagerado afirmar que nuestra relación es hostil; yo vivo, yo me dejo vivir, para que Borges pueda tramar su literatura y esta literatura me justifica(...)Yo he de quedar em Borges, no en mi,(si es que alguien soy), pero me reconozco menos en sus libros que en muchos otros(...)Así mi vida es una fuga y todo lo pierdo y todo es del olvido, o de outro.

No se qual de os dos escreve esta página.

Borges y yo. Jorge Luis Borges.

Ser fiel a Saussure é impossível, quanto mais contentar os acompanhantes já silenciosos e ainda ativos deste clássico inesgotável da lingüística Saussure. A dificuldade para a fidelidade almejada quando se faz a leitura de é, na verdade, comum a todos os autores; mas no caso específico de Saussure, soma-se o fator de que o *Curso de Lingüística Générale*, como sabemos, é uma reconstrução feita a partir de notas diversas de seus alunos, nestas notas se revelam, como assinala Tulio de Mauro⁵⁴ no seu comentário crítico, conseqüências bastante graves resultantes de intervenções aparentemente modestas dos autores.

O que acontece quando lemos um autor?

⁵⁴ Saussure Introdução de Tulio pag XVII

O leitor vai produzir o sujeito a partir do relato, e este sujeito que é o 'estilo' vai ficar fora do pacto que liga o leitor à sociedade. É a linguagem que precede o autor e não o texto.⁵⁵

O texto constrói-se a partir do leitor. É no leitor que se produz a escritura do texto e é nele que ela se sanciona. "O nascimento do leitor se paga com a morte do autor"⁵⁶

O sujeito produzido pelo leitor não tem uma identidade fixa, ela vai se produzindo a cada momento.

Por outro lado, existe a dificuldade de saber o que Saussure efetivamente falou. Ele não escreveu nem revisou *O Curso*, o que soma-se, como um dado, à ficção que o todo da figura de Saussure representa; mas nem por isso sua figura perde eficácia, como pode ser apreciado nas palavras de Rajagopalan.

Charles Bally e Albert Sechehaye, discípulos fiéis, impulsionados pelo mais alto sentimento de gratidão ao falecido mestre, se incumbem de prestar-lhe uma homenagem póstuma (tarefa nobre, porém árdua, para a qual se empenham de corpo e alma no sentido de reconstruir (com todas as implicações dessas palavras) a figura de Ferdinand de Saussure que será tão bem conhecida pelo mundo aí fora.⁵⁷

Como foi dito, há uma impossibilidade, na fidelidade a um autor, que é introduzida pela própria dimensão do significante, a diferença; mas parece que o amor agrava as coisas (neste caso e talvez sempre). Em *Encore*, referindo-se a algumas reflexões de Nancy e Lacoue-Labarthe sobre sua obra publicada no livro *O título da letra*, Jacques Lacan escreve que estes autores conseguiram lê-lo porque não lhe supunham um saber, não o amavam. Na verdade escreviam para criticá-lo.

A função idealizadora do amor não permite a quebra necessária com o autor. Mas, como tentar uma leitura de Saussure sem amá-lo um pouco? Sem ao menos 'tentar' ser fiel a ele?

⁵⁵ Pasqualini 1998, 64

⁵⁶ Barthes 1998, p.35

⁵⁷ Rajagopalan 199, p.25

Mais uma leitura de Saussure, Relativamente clássica com algumas intervenções.

O fato de que Saussure ser reconhecido como pai da Lingüística moderna pode ser questionável. Esta atribuição sustenta-se no seu ato de criação da **Língua** constituída como o **objeto** de estudo para a Lingüística (existem outras definições de objeto da lingüística), tal como a partir dele passou a ser concebida.

O estabelecimento da **Língua** como objeto leva a marca saussureana no endereçamento dos estudos da Linguagem humana, em particular para aqueles investigadores da linguagem formados na tradição da escola francesa.

Saussure se pergunta sobre qual é o objeto integral e concreto da Lingüística, uma vez que nota que a linguagem é, na verdade, muito complexa e heterogênea e que responde por diferentes naturezas: fisiológica, física, histórica, antropológica, etc. Essa pergunta será respondida com a criação de um estatuto para este objeto, objeto este que chamará de **língua**.

Antes de Saussure, os fenômenos lingüísticos eram estudados de forma diacrônica. O estudo sincrônico da **língua** (o qual será tratado em particular mais adiante) é uma das contribuições que a Linguística reconhece a Saussure (concordando ou não com que ele seja o pai da Linguística moderna).

O **objeto** saussureano permite que os fenômenos que participam da linguagem sejam contemplados com referência a uma **uno**, o fato lingüístico por excelência, a **língua**.

É possível pensar as entidades da **língua**, como a união formal das suas duas ordens **significado** e o **significante** (utilizando os termos de Saussure) o que dá lugar ao **signo**. Assim este ganha uma unidade de caráter biunívoco. Ora, estas unidades ou enti-

dades linguísticas funcionaram sujeitas a uma rede de diferenças, rede a partir da qual estas unidades ganham forma e não substância.

A **língua** como uma unidade será considerada por nós neste trabalho como ‘imaginária’ (no sentido que Lacan utiliza este termo na sua teoria).⁵⁸

Uma vez que as unidades emergem do sistema, não podemos pensa-las isoladamente. Elas senão que sempre farão parte dele em Saussure.

O **signo**, no seu caráter imaginário (na sua completude imaginária ou pregnância)⁵⁹, deve ser analisado contemplando o “valor” relativo à posição que ele toma dentro do sistema da **língua**.

Referente ao **signo**, lemos no *Curso...* : “ A Linguística trabalha , pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens se combinam; esta combinação produz uma forma e não uma substância.”⁶⁰

É possível rastrear na origem do pensamento do autor genebrino a partir do qual o estruturalismo ganha suas raízes , a nostalgia de um pensamento anti-materialista.

Num momento da sua teoria, existe o que poderia ser entendido como uma relevância da imagem sensível no **signo** que Saussure concebe, especificamente quando trabalha com o conceito de imagem acústica. Isto faz com que Saussure possa ser con-

⁵⁸ O imaginário é o termo que Jacques Lacan escolheu para designar o registro psíquico correspondente ao ego (o eu) do sujeito, cujo investimento libidinal foi denominado por Freud de Narcisismo. O eu, como Narciso, ama a si mesmo, nos disse Antonio Quinet: ama a imagem de si mesmo que ele vê no outro. Essa imagem que ele projeta no outro e no mundo é a fonte de amor, da paixão, do desejo de reconhecimento, mas também da agressividade e da competição. Como no mito, a imagem é também portadora da morte. A relação dual, especular, é mortífera. O espelho da paixão amorosa pode refletir a paixão da morte (fazendo o indivíduo ser rival de si mesmo. Sempre narcisista por definição, o eu escravo é senhor do imaginário) imaginário do corpo (belo doente malhado despedaçado); imaginário da mente, com suas idéias e seus ideais, com suas fantasias excitantes, atemorizantes, masturbatórias; imaginário da relação social (com outros eus semelhantes, colegas “iguais” , rivais). Quinet 1995, p.(prefácio) in “O imaginário no ensino de Jacques Lacan”.

⁵⁹ Definiremos a pregnância (força da forma), a partir da leitura de Lacan, como o poder da imagem; o poder atribuído à imagem é tal que mantém o sujeito preso na ilusão da identificação espacial.

⁶⁰ Saussure 1995, p. 131

siderado como mentalista, diferenciando-se, assim, sua concepção do **signo** da dos materialistas. Dentro do contexto materialista, escreve Nicolás Rosa:

“A forma do **signo** não distingue entre a imagem sensível (seria o caso de Saussure e de todos os “mentalistas”) e a materialidade do **signo**, senão que entre ambas se estabelece uma dupla relação: O **signo** (material) não pode funcionar como *signo* sem seu reflexo da consciência, enquanto que simultaneamente, a imagem psíquica não pode se formar sem a imagem material: O **signo** existe como produto do funcionamento de uma forma material, e isto só é possível nos processos de comunicação.

Por este enfoque, o **signo** é definido como um objeto concreto (e não puramente reacional)...⁶¹

Quando Saussure destaca o aspecto **forma** como característica do **signo** e da **língua**, isto se deve ao fato de ele conceber seu sistema como relacional, uma **forma** e não uma **substância**. O aspecto **forma** remete à relação entre **signos** e não entre objetos. Em conseqüência, o **signo** não remete, para Saussure (diferentemente do que acontece ao materialismo), a um objeto concreto que transmite informação de outro objeto.

Finalmente, Saussure dirá que “o significante é incorpóreo”, erradicando qualquer materialidade do **signo** do sistema da **língua**, e também elimina o termo “imagem acústica”, evitando qualquer mal-entendido. Com isto destaca o aspecto meramente diferencial do sistema.

Ademais é impossível que o som, elemento material, pertença por si à **língua**. Ele não é para ela mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo. Todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte. Assim, não é o metal da moeda que lhe fixa o valor (...) Isso ainda é mais verdadeiro no que respeita ao significante lingüístico; em sua essência, este não é de algum modo fônico; é incorpóreo.

⁶¹ Rosa N 1978 p.99

Para ressaltar a primazia do significante (partindo do **signo** saussureano) é que Lacan faz menção ao seu aspecto formal; “a forma não sabe mais do que diz”, o que remete a colocação do autor “o significante é significante de nada”. O significante não deve sua existência a substância nenhuma.

Não é da coisa que a palavra retira seu significado, como tampouco é matéria a união indissolúvel entre significado e significante que Saussure aponta.

A pregnância do imaginário toma caráter de substância, dando lugar à suposição de “ser”, como o estádio do espelho o demonstra⁶². Masotta diria: o sujeito não quer saber que não há saber. Saussure opõe a forma à substância material. No seminário XXI, Lacan destaca que a “forma” em Platão é esse saber que preenche o ser.

“A forma não sabe mais do que o que diz. É real, no sentido que mantêm ao ser no seu copo, mas cheio até as beiras. É o saber do ser. O discurso do ser supõe que este seja, e é isto que o sustenta.”⁶³

O **signo**, para Saussure, não existe como o produto de uma imagem material, mas tampouco há pensamento antes do aparecimento da **língua**. A **língua** não traduz o pensamento em palavras, ela funda a possibilidade do próprio pensamento. Não há idéias preexistentes que seriam a “substância” da **língua**.

Por outro lado, o indivíduo é banido de seu sistema. Contradizemos Saussure quando incluímos o indivíduo freudiano dentro da banda de Moebius? Certamente não, enquanto consideremos sua unidade com imaginária. Lembremos que Saussure não vai se valer de significados que estejam no mundo, na psique do indivíduo, apenas de significados que são efeito da formação de massa. A respeito dos quais não achamos inade-

⁶² Ver Lacan 1998 in “Estádio do Espelho”

quando dizer que constituem um “meio termo” tal como Saussure o tem dito, senão talvez algo impreciso.

O **signo**, fazendo parte do sistema absoluto da **Língua**, elabora as suas unidades, as quais o próprio sistema diferencial “precipita”. Saussure compara a **língua** com uma álgebra que não teria senão termos complexos⁶⁴, fazendo, desta maneira, alusão ao **signo**. Referindo-se a esta estratégia de ensino saussureana, Lopes escreve:

Ele evoca as funções matemáticas para que se possa entender a estranha materialidade reinante na ordem dos **signos**. Nos enunciados algébricos, uma variável não é nada em particular – ou, antes, é um espaço aberto a jogos de substituições cujos limites são dados *apenas* por relações formalizadas com outras variáveis. Para Saussure esse seria também o regime de existência dos significantes e dos significados que se emparelham para dar lugar ao **signo** lingüístico.⁶⁵

Dado que há só diferenças na **língua** (desde que tomemos significado e significante separadamente), Saussure conclui que “o próprio da Instituição Lingüística é justamente manter o paralelismo destas duas ordens de diferenças”. Com isso garante-se o caráter unívoco para o **signo** lingüístico através da correspondência de seus termos.

Dizer que na **língua** tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o **signo** em sua totalidade, nos encontramos diante de uma coisa positiva em sua ordem. Um sistema lingüístico é uma série de diferenças de sons combinada com uma série de diferenças de idéias. Essa confrontação de um certo número de **signos** acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento proporciona as unidades à **língua** e engendra um sistema de valores. É esse sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada **signo**. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a **língua** comporta, pois o próprio da instituição lingüística é justamente manter o paralelismo destas duas ordens de diferenças.⁶⁶

⁶³ Lacan 1989, p.144

⁶⁴ Saussure 1995, p.137

⁶⁵ Lopes da Silva, p.45

⁶⁶ Saussure 1995, pp. 139-140

Mas, o que é a Instituição Lingüística?

Lacan, no seminário XXI, expõe a idéia de que a institucionalização permite a materialização imaginária de o **Um** encarnado na **língua**, idéia que acolhemos para considerar que a instituição lingüística por excelência é a **Língua**. Com base na afirmação de Lacan, não entendemos que a **língua**, enquanto objeto imaginário- simbólico em Saussure, funciona como o significante mestre⁶⁷ a partir do qual, ele, organiza todo o sistema lingüístico.

Entendemos por simbólico a presença de uma ausência. A consistência que o imaginário permite faz parte também da **língua** fazendo semblante de um “todo” em algo que é não-todo, a **língua**. Retomaremos este ponto ao falar da “comunicação animal” e “do social” para Freud.

A partir de Saussure se concebe a **língua** como uma estrutura, isto é, como um conjunto de elementos relacionados entre si. Lembremos a novidade que nos traz o terceiro capítulo:

Bem longe de dizer que o objeto precede ao ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; e agrega, aliás, nada nos diz de antemão que uma de essas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior as outras⁶⁸

Saussure foi fiel a suas palavras: o ponto de vista criou o objeto em forma dupla. Diremos que o “ponto de vista” deste pioneiro focalizou a perspectiva para a criação do objeto **língua**, por um lado. Por outro lado, o ponto de vista saussureano, que hoje podemos chamar de estruturalista, tomou os fatos da **língua** e os considerou na sua relação com seu funcionamento no sistema. Em consequência, o fato lingüístico é possí-

⁶⁷ O conceito de significante mestre em Lacan é usado para designar aquele significante primeiro a partir do qual organiza-se todo o sistema.

vel enquanto o consideremos como efeito das relações no interior da estrutura, isto é, como efeitos de estrutura.

Não faremos aqui o histórico da obra saussureana nem passaremos em revista as escolas estruturalistas. Aprofundaremos-nos na noção de **signo**, em particular, e também nos pontos de destaque considerados como fundamentos da elaboração teórica saussureanas.

Sincronia e Diacronia

Para Saussure, os fatos da linguagem podem ser estudados de duas maneiras diferentes: a forma sincrônica e a diacrônica. Contudo, será a forma sincrônica a mais relevante para sua teoria, sendo esse conceito uma das contribuições mais ricas para a lingüística e mais essenciais para o movimento estruturalista. A forma diacrônica estuda os fatos lingüísticos através do tempo. O enfoque sincrônico, por outro lado, contempla as relações que existem entre os elementos num momento determinado, que pode não ser o atual. O estudo sincrônico é o estudo das relações entre os elementos tal como estão dados num momento qualquer. Sincrônico significa “simultâneo”, enquanto que diacrônico significa “sucessivo”. Estes conceitos não se limitam a descrever apenas duas formas de estudar a linguagem; ao serem avaliados epistemologicamente, eles entram em conflito.

Em nosso entender, a precedência da sincronia introduzida por Saussure questiona a historicidade linear e cronológica da **língua**. Questiona a **língua**, vista como “evo-

⁶⁸ Saussure 1995, p.15

lução”, para entender o fato lingüístico como efeito de “cortes” de “diferenças”. Assim, aquilo que era pensado como produto da evolução linear da **língua** pode ser entendido como **salto estrutural**. Trata-se a cada salto de outra estrutura, efeito da intervenção ou variação de um elemento nas relações estabelecidas. Nessa perspectiva, a linearidade saussureana pode ser pensada como uma tridimensionalidade, o que permitiria incluir uma profundidade topológica e, ainda, uma quarta dimensão: o tempo, o qual consideraremos como lógico.

Pensamos o momento lógico como um “corte” bilateral, em que uma estrutura dá lugar a outra. A respeito da profundidade topológica, a continuação veremos que nos diz Norberto Irusta:

...ao circular pela banda de Moebius, o ponto de torção se percebe mais adiante, no horizonte, e se representa sempre na forma de uma certa ilusão de profundidade. Assim a profundidade seria o tempo necessário para alcançá-lo. Mas ao horizonte, o sabemos aparecer sempre além, infinitizando a caminhada, e da torção sabemos que ela está sempre aquém do lugar onde a percebemos, sempre no ponto onde estamos. A distância que supostamente nos separa dela comparece como terceira dimensão, como profundidade.⁶⁹

Curiosamente a atemporalidade é, para Freud, uma das propriedades do inconsciente, o qual pode ser assimilado, na obra de Lacan, à relação do sujeito com o Grande Outro, ou tesouro da **língua** como também ele o chama. Não desenvolveremos as aproximações entre o conceito de **língua** em Saussure e o conceito de inconsciente freudiano, porque isso nos desviaria muito de nosso percurso. Entretanto diremos que tal aproximação é possível a partir do conceito de **língua** como sistema que comporta só diferenças. Assim, acrescentaremos que a estrutura do sujeito, para Lacan, é moebiana. O sincrônico da **língua** se atualiza no semi-dito⁷⁰.

⁶⁹ Norberto Irusta. Notas de Palestra. Biblioteca Freudiana de Curitiba, ano 1993.

⁷⁰ O semi-dito é uma verdade dita a meias. Não existe um sentido atual, isto é, que seja um todo por si, senão que este é atualizado pela ordem do inconsciente.

“E se a estrutura é topológica, podendo -se então dizer que o sujeito é moebiano entranhado na articulação linguajeira sendo que um efeito de sujeito se capta nela.⁷¹”

Se, via conceito de sincronia, saímos da linearidade e da cronologia, por essa mesma via poderíamos dizer que saímos de um homem com um ego entendido como a somatória de experiências vividas e de sua historicidade evolutiva. Não que Saussure estivesse interessado numa história do homem, mas, seguramente, suas idéias de ‘fala’ e de indivíduo não poderiam ser consideradas, a partir da sua idéia de **língua** sincrônica, no seu sentido lato.

Voltando à nossa leitura de Saussure, depois de termos realizado algumas observações que consideramos fundamentais para nosso trabalho, diremos que o enfoque sincrônico é mostrado no *Curso* como um sistema que funciona na **língua**, nesta cada elemento, por ser diferente dos outros, adquire sua identidade, sua consistência, que nós entendemos como “imaginária”. O enfoque diacrônico mostra que, dentro desse sistema que é a **língua**, os fenômenos lingüísticos tem uma evolução singular, que se revela, para nós, como sendo não linear.

Entre a sincronia e a diacronia há uma relação clássica a ser estabelecida, que consiste em que as sucessivas etapas sincrônicas geram uma diacronia, ou seja, um elemento da **língua** que sofreu modificações pode ser analisado num outro momento determinado. Se estudarmos as relações entre os elementos coexistentes no século XI, em seguida as relações no século XII, depois as do século XIII, e assim sucessivamente, estaremos fazendo estudos sincrônicos. Mas ao mesmo tempo, estaremos construindo o percurso diacrônico destes elementos, ao observarmos sua ‘evolução’ (termo do qual já falamos) através dos séculos. Retomamos o conceito clássico, evolutivo, de diacronia

⁷¹ Norberto Irusta. Notas de Palestra . Biblioteca Freudiana de Curitiba, ano 1993.

para assinalar que, no limite, ele remete a uma origem, contrariando a idéia de arbitrariedade tal como será trabalhada no item destinado a esse conceito por nós.

Um exemplo que Saussure coloca para explicar estes conceitos é a comparação que ele faz entre a **língua** e o jogo de xadrez (recaído numa concepção clássica). Quando as peças estão no tabuleiro, isto pode ser tomado como um momento sincrônico, logo, cada peça tem um valor determinado.

Uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a **língua** nos apresenta em forma natural. Vejamo-la de mais perto. Primeiramente, uma posição do jogo corresponde a um estado da **língua**. O valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na **língua** cada termo tem seu valor pela oposição com outros termos.⁷²

No momento em que um jogador mexe uma peça, o sistema é modificado.

No jogo de xadrez, como na **língua**, uma peça não é por si só um elemento do jogo; em sua materialidade pura, fora de sua casa e das outras condições do jogo nada representa para o jogador.⁷³

Saussure, a partir da comparação com o jogo de xadrez, tenta por em relevo o fato de que o valor das peças é posicional e depende do lugar que vão ocupando no tabuleiro. Assim como o valor de cada elemento linguístico depende de todos os demais elementos que formam parte do sistema. Enquanto não há modificações no sistema, as relações mantêm-se idênticas; quando alguma peça é mexida, as relações se modificam.

O exemplo do jogo de xadrez foi citado aqui para destacar um inconveniente em particular, aquele que afeta a radicalidade do princípio de arbitrariedade o jogo de xadrez possui regras, convenções que dificultam pensar o sistema da **língua** em que nada estaria dado de antemão.

⁷² Saussure 1995, p. 104

⁷³ Darmom p. 60

Outro exemplo de Saussure sobre a relação que existe entre diacronia e sincronia recorre a uma comparação com um possível corte feito no tronco de uma árvore. Analisaremos esta metáfora, pois exemplifica o que entendemos por confronto entre o conceito de diacronia, pensado como linear, e o de sincronia.

Se num troco de uma árvore fazemos um corte transversal, pode ser estabelecida uma relação entre todas as fibras que formam esse tronco. Esse corte transversal equivaleria a uma relação sincrônica. Se o corte se faz em forma longitudinal, vemos o desenvolvimento da fibra. Esse corte longitudinal, representaria o estudo diacrônico, em que é possível observar a evolução de um elemento dado através do tempo. A metáfora do corte na árvore possui um inconveniente; uma árvore possui um código genético “sem margem a equívocos”, “natural”; enquanto que o signo lingüístico é arbitrário, “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”⁷⁴. Poderia se objetar que o indivíduo também possui um código genético, um instinto; e a isto respondemos freudianamente: esse singular instinto no homem é chamado de pulsão, para a qual não haverá um objeto que a satisfaça, dado de antemão. O sujeito, com respostas prévias e sentidos completos para suas necessidades, só pode ser pensado como mítico ou como biológico.

Entendemos que o grande perigo teórico que Saussure instala ao fechar o sistema da **língua** é justamente reintegrar o sub-repticiamente plano “natural”. Eu de qualquer outra ordem transcendente. Dessa forma, o aspecto sincônico da **língua** fica desestabilizado em favor de uma história que teria um começo, “o momento de consenso”, que estabelece a convenção.

“Langue” e “Parole”

Como foi dito, Saussure cria o objeto “concreto e integral da linguística” pressupondo que a linguagem é algo, na verdade, muito complexo e heterogêneo, e que responde por diferentes naturezas.

Entendemos por seu gesto que todo objeto de estudo eminentemente abstrato, como é neste caso a **língua**, supõe um corte no real, corte que o autor, neste caso Saussure, fará com seu desejo. Saussure instalou e avalizou com seu nome um significante mestre ao institucionalizar a **língua** como objeto para a linguística. O significante mestre é aquele que organiza o discurso. É a partir do significante **língua** que se organiza o discurso da linguística como ciência em Saussure.

Após Saussure apresentar uma perspectiva onde a linguagem esconde uma complexidade, uma heterogeneidade que é preciso administrar, propõe o recorte de um objeto integral, **uno** como é chamado por nós, a **Língua**.

“Dessarte, qualquer que seja o lado porque se borda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística (...) se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si...”⁷⁴

A saída, da heterogeneidade, sugerida por Saussure, é atribuir à **língua** o primeiro lugar no estudo da linguagem, por esta parecer “susceptível duma definição autônoma e fornecer um ponto de apoio satisfatório para o espírito”:

⁷⁴ Saussure op. Cit, pag. 83

Há , segundo nos parece, uma solução para todas estas dificuldades: é necessário colocar-se primeiramente no terreno da **língua** e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.

Partindo do “fenômeno” lingüístico, Saussure delinea o caminho que o leva a eleger um “fato” entre todas as manifestações da linguagem como objeto da Lingüística; desta maneira faz uma hierarquização. A **língua** é um “fato” da linguagem, mas um fato essencial que não deve ser confundido com a linguagem. Uma ordem natural a localiza.

Lá onde não há nada que provenha da natureza que preceda a linguagem, a abstração saussureana introduz uma ordem natural.

A **língua**, ao contrário, é um todo por si, um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação⁷⁶.

Saussure distingue *Língua* (langue) e *Fala* (parole), a fala é o ato singular pelo qual dois sujeitos se comunicam, e a **Língua** é um sistema, “*um todo por si e um princípio de classificação*”⁷⁷.

Na linguagem, que é o conjunto heteróclito dos fatos lingüísticos, estão contidas a **Língua** e a Fala. A **língua** não é mais que uma determinada parte da linguagem, mas “uma parte essencial” nos diz Saussure. A parole está situada na base da transformação lingüística. Vejamos que Saussure nos diz:

A **língua** é para nós a linguagem menos a fala . É o conjunto de hábitos lingüísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender. Mas essa definição deixa ainda a **língua** fora da sua realidade social; faz dela uma coisa irreal, pois não abrange mais que um dos aspectos da realidade: o individual; é mister uma massa falante para que exista uma **língua**. Em nenhum momento e contrariamente à aparência a **língua** existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico.⁷⁸

⁷⁵ P.16

⁷⁶ p.17

⁷⁷ p.17

A **fala** (mero exercício fonatório dos **signos**) pode ser discriminada da **Língua** (estrutura independente do sujeito), no s diz Godino Cabas.⁷⁹ Contudo, é questionável que a fala possa ser reduzida a um mero exercício fonatório se considerarmos este como algo sem sentido, porque, para que exista linguagem humana, o pronunciado tem que significar alguma coisa para alguém. Concordamos com Cabas que a **língua** é uma estrutura independente do sujeito e perguntamo-nos o recíproco é verdadeiro? A **Língua** existe independentemente da volição do falante, mas pode ser pensado o sujeito independente dessa estrutura diferencial? Segundo Lacan, não, a ordem significante precede o sujeito

A **língua** é exterior ao indivíduo. Mas como pode modificar-se o sistema se o próprio sistema da **língua** exclui o individual? E finalmente a **língua** encontra-se fechada sobre si própria. Em Saussure o social está separado do individual, dicotomizado. Esta dicotomia não é paradoxal para nós, senão uma conseqüência , quando consideramos que Saussure lidava com o sujeito da ciência como foracluído seu ato de fala comporta só o enunciado. Diremos que o achado sincrônico é subversivo em face de Saussure e das sua próprias dicotomias diremos, e lembramos que isto nos remete à ordem do inconsciente freudiano, em que social e individual não são opostos, apenas que representam um exterior -íntimo.

É difícil avaliar o valor exato desta dicotomia como aparece no “Curso...” e distinguir como nessa dicotomia atua o social e o individual.

Propomo-nos a pensar o social da **língua** como um exterior – íntimo desde a ótica da psicanálise como foi antecipado na introdução, e esta será nossa contribuição neste

⁷⁸ Saussure 1995 , p. 92

⁷⁹ Cabas, 77

trabalho. Isto é um exterior que participa da intimidade constitutiva do indivíduo como a experiência da Fase do espelho, descrita por Lacan no seus Escritos, o demonstra⁸⁰.

Quanto ao indivíduo, propomos pensá-lo na modalidade freudiana, sempre em relação da massa, o que quer dizer em relação a seu Outro. No item destinado ao “eu”, já foi desenvolvido este conceito como fenômeno da estrutura, diferenciando-o da idéia de super estrutura. A partir da articulação **indivíduo – massa** é que o social saussureano e lido por nós como um “exterior – interno”. A partir dessa consideração, a distinção entre **língua** e **fala** entra em questão.

Para ilustrar este exterior íntimo nos utilizaremos da Banda de Moebius e da imagem de uma formiga percorrendo-a⁸¹

A formiga, após ter percorrido a banda e dado nela uma volta completa (sem esta estar rasgada, nem ter sido franqueada sua borda), encontra-se no seu avesso, no seu suposto exterior.

... a banda, que em verdade é puro corte , e assim o ponto de torção que operaria a ‘passagem’ e que sempre se apresenta ilusoriamente na frente, faz, em verdade, parte de cada ponto, constituindo um único é só inexterior- exinterior⁸²

No percurso pela superfície moebiana cada ponto é exterior e interior também.

O sujeito não é então esgotado pelo cogito cartesiano, ou seja quando o sujeito crê poder designar a si mesmo em seu enunciado ele permanece tão inapreensível quanto a imagem do espelho.⁸³

⁸⁰ Considerando na estrutura do sujeito a fase ou estágio do espelho, Lacan quer ilustrar o momento constitutivo do “eu”. Esta experiência primordial encontra-se na base do caráter imaginário do “ego” ou “eu”, constituído em princípio como ego ideal , matriz das identificações secundárias. Nesse este ponto de vista , que é também o nosso, o sujeito não pode ser reduzido ao ego instancia imaginária na qual o sujeito tende a se alienar.

⁸¹ Procurar ilustração na página:

⁸² Irusta p.162. Os termos inexterior e exinterior para referir-se ao espaço moebiano pertencem ao autor.

Como foi dito na introdução, a Faixa de Moebius é uma figura da topologia que compreende uma única borda, e sua face direita tem continuidade com a face de avesso. Podemos conceber o aspecto social da linguagem no avesso do aspecto individual. A unilateralidade da superfície explica como os aspectos individuais articulam-se com os sociais sem transpor nenhuma borda.

Signo

Saussure opõe-se à concepção de *língua* como nomenclatura e considera que há uma tendência que não se pode ignorar quando se fala de linguagem. Um preconceito habitual faz com que associemos as palavras as coisas ou idéias pré-existentes. Por exemplo; “árvore” à imagem de árvore. Numa nota autobiográfica referindo-se a este fato, o autor do *Curso* escreve que isto faz com que sonhemos “com nosso primeiro pai Adão chamando para perto de si os animais e dando a cada um seu nome”⁸⁴

Para Saussure, o **signo** “não une uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica. Esta não é o som material”.

Mais tarde, essa primeira abordagem é suplantada por Saussure ao propor os termos “significado” e “significante”. Disso, resulta a modificação do algoritmo precedente.

O **signo** é uma entidade biplânica. Assim tratado, o **signo** sugere uma solidariedade, uma relação de interdependência.

⁸³ Darmon 1994, p. 189.

⁸⁴ Saussure 1972, p. 440.

Saussure diferencia o **signo** do símbolo atribuindo ao símbolo uma relação direta com o que ele representa, “um rudimento de vínculo natural entre significado e significante”⁸⁵. Por exemplo, o símbolo da justiça - uma mulher com os olhos vendados e uma balança na mão - significa aproximadamente que a justiça é cega e tem a ver com os prós e os contras das ações. No **signo** lingüístico não acontece isso; existe uma arbitrariedade entre o significante e o significado, não há um laço natural entre esse elementos.

Em seu caráter global, o **signo** representa o ato de unificação de um significante a um significado, numa relação que podemos definir como positiva. Até aqui o **signo** equivaleria apenas à relação entre dois elementos. Ferdinand de Saussure retificará em grande parte esta definição, ao introduzir a noção de **valor**, uma das noções mais fecundas no âmbito da lingüística. Pode-se dizer que esta noção é mundialmente reconhecida, embora tenha dado origem a controvérsias.⁸⁶ Serão trabalhadas as questões referentes à teoria do valor lingüístico de Saussure no item que leva esse nome.

Arbitrariedade do signo

A arbitrariedade do **signo** refere-se à relação entre significado e significante. Não se trata aqui da arbitrariedade da ação de nenhum indivíduo. Arbitrariedade⁸⁷ quando referida ao **signo**, não designa gratuidade ou ausência de ordem, indica apenas que o **signo** não pertence ao universo físico ou biológico somente ao universo da **língua**.

⁸⁵ Saussure 1995, p. 82

⁸⁶ Saussure 1995, p. 40

⁸⁷ O termo arbitrário foi assimilado em alguns momentos no *Curso...* a convencional. Consideramos este conceito questionável, por razões que trabalharemos até o fim do item

A palavra arbitrário requer uma observação . Não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do fala, (... não esta ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma no **signo**, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo lingüístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é arbitrário em relação ao significado , com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.⁸⁸

Tínhamos dito que não se tratava da arbitrariedade da ação de nenhum sujeito, o sujeito longe de fundar a linguagem é fundado por ela para Lacan.

O Professor Fábio Lopes, na sua abordagem da obra saussureana,⁸⁹ coloca: ‘dizer arbitrariedade do **signo** é dizer daquilo cuja origem pode ser miticamente estabelecida’⁹⁰. Ora, entendemos que o professor Lopes nos adverte com esta colocação para não incorreimos “no mito da origem”, já que “ nada na ordem do **signo** esta fundado de antemão”. A especificidade do pensamento mítico só pode ser estabelecida se levarmos em conta não só que o mito esta situado na linguagem mas também que se situa para além dela. O mito sempre se refere ao tempo primordial, possui uma estrutura que o relaciona com o passado, o presente e o futuro-o que o torna atemporal.

Mas o que é a **língua**?

Pode-se dizer que a teoria da **língua** é a teoria das dicotomias, o próprio **signo** está constituído a partir de duas massas. Impõe-se a estas duas massas uma correspondência e, só no caso de um significante corresponder a um significado e apenas a **um**, significado teremos **língua**, para Saussure.

Retomamos aqui outra questão que nos traz o Prof. Lopes:

⁸⁸ Saussure 1995, p.83

⁸⁹ Lopes Da silva 2000.Notas de aula. UFSC

⁹⁰ Lopes Da silva 2000.Notas de aula. UFSC

Ou seja: significantes e significados são tais ou quais, mas poderiam ser outros. ...certo, os componentes do **signo** são o que são –*mas o que eles são?* O que pode fundar-lhes a identidade se nada na ordem do **signo** está de antemão fundado?⁹¹

Esta citação evidencia a dificuldade de definir unidades concretas na **língua**. Como o jogo de xadrez mostra, a **língua** é um sistema que se baseia na oposição de ‘tais unidades’. Não se trata de uma identidade material positiva mas a relativa às, condições que recortam essa identidade como Darmon o adverte quando cita o exemplo da rua demolida e logo reconstruída de Saussure.

Num outro exemplo ele considera a identidade de uma rua demolida e inteiramente reconstruída a seguir; não se trata então da identidade material, mas de uma identidade fundada sobre outras condições ‘por exemplo sua situação relativamente às outras ruas.’⁹²

Utilizamo-nos deste recorte para destacar que origem está perdida.

Referindo - se às características de arbitrário e diferencial, Lopes continua:

... tudo se passa como se, à medida que avançava, a reflexão do mestre genebrino tirasse cada vez mais o peso da primeira qualidade para fazê-lo recair sobre a segunda: de “arbitrário e diferencial” a “arbitrário é diferencial”, e daí tal vez a “diferencial”⁹³.

O corte que emparelhou as ordens no **signo** é a ‘Instituição Lingüística’ como “exterior”. No ato do corte institui-se a correspondência, o que provoca o fechamento do **signo** assinalado pela elipse. A união indissolúvel entre um significante e um significado, dando caráter unívoco ao **signo**, faz pensar que existe uma necessidade entre os elementos do **signo** para que este funcione. Um elemento aparece como determinante do “valor”, um elemento que consideramos como subjetivo, a comunidade recortada por Saussure no “fato social”.

⁹¹Lopes Da silva 2000 .Tese doutorado, p.45

Por sua vez, a arbitrariedade do **signo** nos faz compreender melhor porque o fato social, pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja razão de ser está no uso e consenso geral: o indivíduo por si só é incapaz de fixar um que seja ⁹⁴

Uma vez que o “fato social” fixa os valores, a referência de um significante a um significado será inequívoca, (já foram trabalhadas nossas objeções a respeito da idéia de consenso). É aí o recuo de Saussure que, após notar que na **língua** há só “diferenças”, neutraliza essas diferenças. Recuo ante o abismo da “diferença pura”, que Saussure denuncia como constitutiva da **Língua** como sistema de valores puros. Ele recorrerá a um “exterior” social como condição “necessária” para fundar uma **Língua** que produz unidades absolutas na sua inteireza. Esse exterior é o “fato social” que pode ser considerado como um exterior epistemológico enquanto entendemos que inclui subrepticiamente a ordem subjetiva.

Assim, a inteireza fica garantida pela instituição linguística.

É uma mão invisível mas também cega que faz um “corte” nestas ordens, nos diz Lopes⁹⁵, referindo - se à Instituição Linguística. Ao que acrescentamos, uma mão que dá forma no ato que uniformiza as duas ordens, que normativiza no mesmo ato de cortar. A função colocada à Instituição Linguística por Saussure faz com que lembremos do mito do andrógino, no qual o Deus irado divide os seres esféricos.

⁹² Darmon 1994, p. 18

⁹³ Id ibid

⁹⁴ Saussure 1995, p. 132

⁹⁵ Lopes Da Silva 2000. Notas de aula. UFSC

Valor lingüístico

No capítulo IV, destinado ao “valor lingüístico”, vamos encontrar a imagem do *reino flutuante*⁹⁶ com uma serie de divisões contíguas desenhadas sobre este.

A **Língua** terá um papel que lhe é característico frente ao pensamento: “...servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de suas unidades”⁹⁷.

A **língua** vai então abrigar suas unidades, constituindo-se estas entre as duas massas amorfas acima mencionadas.

Saussure, para falar desse “de certo modo misterioso” “pensamento –som”, traz a imagem do ar em contato com uma capa de água. A pressão do ar, ele diz, produz vagas, divisões, sendo que essas ondulações vão dar a idéia de união, “por assim dizer, do acoplamento do pensamento com a matéria fônica”⁹⁸. Citamos a metáfora do ar em contato com a capa de água por mostrar como o ar (a mão do social) subrepticamente põe em cena uma transferência a dirigir aquilo que deveria se dar como pura imanência.

No desenho que aparece no *Curso*, Saussure apresenta as massas como duas ordens paralelas agregando, mais adiante, que existem só diferenças entre os elementos de cada ordem.

Os **signos**, como foi mencionado, supõem cortes que afetam as massas, tanto a dos conceitos como a das imagens acústicas. A relação interna do **signo** não deve ser confundida com o valor. Não é suficiente o aspecto positivo do **signo** para representar a

⁹⁶ Saussure 1995, p.130

⁹⁷ Saussure 1995, p. 131

⁹⁸ Saussure 1995, p. 131

língua; o significantes tem valor diferencial com outros elementos do sistema (como foi destacado no item destinado à arbitrariedade). O **signo** já não significa apenas a união do conceito à imagem acústica; ele não pode ser isolado do sistema do qual faz parte.

Cada um dos elementos do **signo** na sua totalidade, o significante e o significado, da mesma maneira que o **signo** todo, constitui um valor que é o termo de um sistema de interdependência.⁹⁹

Assim, o valor é o conceito sem o qual a **língua** seria só uma nomenclatura, e deriva da característica do sistema de ser solidário.

Saussure estabelece uma comparação com o sistema monetário. Para determinar o valor de uma moeda de 5 francos, convém saber pelo que ela pode ser trocada. Por exemplo por uma certa quantidade de pão. Mas é necessário conhecer as relações que ela tem com as moedas de um franco, de dez , e também com elementos de outros sistemas como o do dólar. Da mesma maneira, para determinar o valor de uma palavra é necessário saber por qual idéia ela pode ser trocada (o valor sempre faz referência ao dessemelhante), mas convém levar em conta suas relações com as demais palavras do código e da frase. Saussure continua: **Recear, temer e ter medo**, não tem valor senão pela sua oposição.

Por nosso lado, perguntamo-nos sobre o porquê de Saussure ter provocado a correspondência de um significante a um significado de forma biunívoca após ter chegado a delucidar estas duas ordens como havendo em cada uma delas só diferenças. .

⁹⁹ Lemaire 1978, p.40

Após fazer coincidir essas ordens com linhas pontilhadas,¹⁰⁰ ele compara também a **língua** com uma folha de papel. Não há como cortar uma destas ordens na folha sem recortar simultaneamente a outra. Essa metáfora parece dar conta do coração do projeto científico saussureano: a impossibilidade de uma semiologia onde o significado preceda o significante.¹⁰¹ Apesar da mão invisível.

É oportuno assinalar que, com o estabelecimento de duas ordens paralelas, e a afirmação de que em cada uma delas há só diferenças, estas ordens não ficam submetidas a uma mesma hierarquia, dando a idéia da impossibilidade de uma semiologia na qual significado preceda ao significante. Voltando à divisão das massas com o pontilhado, Saussure a atribui a uma ordem exterior, o “aspecto social da **língua**”.

Mas, se na **língua** nada está fundado de antemão, e “o próprio da **língua**” é ser pura diferença, que ‘fato social’ é esse capaz de neutralizar o processo de significação? Para podermos assumir a radicalidade da arbitrariedade do **signo**, reiteramos nossa proposta de, valendo-nos da banda de Moebius, repensar ‘o social’ na obra saussureana como um ‘exterior íntimo’ à **língua**. Pensar a **língua** como pura diferença é pensar no sujeito tal como a psicanálise o concebe. Sujeito da fala abolido para Saussure. O acoplamento entre significado e significante tenta recuperar um sentido exato ou ao menos um “meio termo”. Para pensar o que acontece quando um significante remete a outro sem “equivoco”, incorporamos o próximo item.

¹⁰¹ Concordamos com F. Lopes (Notas de aula) que, no exemplo, a folha de papel apresenta o problema de possuir bordas recortadas de antemão, sendo esta figura imprópria para representar a língua, da qual sabemos que nada está fundado previamente.

A Linguagem animal e a humana

A linguagem é condição do inconsciente, dirá Lacan. Onde há linguagem natural há sujeito, e só há inconsciente nos seres que falam. Por isso, quando se trata de palavras o mal entendido é possível; resta saber se é inevitável para nós humanos, que habitamos a linguagem.

Trabalharemos as diferenças que existem entre a comunicação animal e a linguagem humana. Mas antes vejamos algumas opiniões a respeito do que a comunicação é:

Chomsky inicia afirmando que a existência de sentidos compartilhados, públicos, não é condição necessária à comunicação, é algo contingente. Além disso, para que ela funcione não é necessário, tampouco, que o ouvinte (ou intérprete) descubra o sentido do outro, a intenção do falante. A comunicação é uma questão de mais ou menos e não de exatidão. Davidson aceita de bom grado tanto que a convenção não seja uma condição necessária à comunicação, quanto que o sentido não seja a recuperação precisa, exata, do que o falante quer dizer.¹⁰²

Partindo do fragmento da fala de R. Pires, destacamos que, tanto para o lingüista Noam Chomsky como para o filósofo Donald Davidson, assinalam, a nosso entender, que o sentido comporta uma perda (o leitor mata ao autor, tínhamos dito em outro lugar).

Não trabalharemos com estes autores nem com suas teorias, contudo, chama nossa atenção na referência de Pires a estes filósofos que, como se sabe, não respondem a uma tradição saussureana, o fato de que (ao menos no caso de Davidson) o sentido “não seja a recuperação precisa do que se quer dizer”. Algo escapa.

Entretanto, destacamos que, a nosso ver, dizer convenção é dizer necessidade de acordo e, mais ainda, é destacar o fato de que o sentido não é a recuperação exata do que se quer dizer. Então, uma convenção não seria contrária à incompletude denunciada

por Davidson nas palavras de Pires. Se faz falta uma convenção, é porque há diferenças que se resolvem, no melhor dos casos, chegando-se a um paliativo “meio termo”. Então perguntamo-nos, a convenção é necessária para a comunicação, ou não? E mais, que convenção é essa? Em Saussure, não saberíamos responder com certeza. Aparentemente é aquela que impõe a ordem social. Trata-se, em Lacan, de uma normatização, possível a partir da castração e que permite ao “sujeito mítico” a sua entrada na linguagem, cuja conseqüência é entrar no equívoco no mal-entendido, dando lugar a um “sujeito atravessado pelos significantes da linguagem”. Este mal-entendido não se resolve com uma convenção. A normatização do sujeito, que permite que ele habite a linguagem ao mesmo tempo que é habitado por ela, é a castração. Esta permite que o sujeito mítico se desprenda da ordem da “coisa” e entre na ordem simbólica. Assim não haverá sentidos que possam completar o ser humano, sempre faltará um sentido para poder dizer tudo. A linguagem introduz uma carência de ser.

Embora quando falemos de ‘comunicação’ possa parecer que estejamos num terreno bem claro, seja qual for a postura que tomemos, isto é, quer a consideremos na sua efetividade como um ‘todo’, um ‘não-todo’ ou ‘um pouco’, o que esperamos desta é algo inteiro, algo que fará com que recorramos infinitamente ao tesouro da **língua** para tentar dar conta dessa ilusão de completude.

E que acontece com os animais? Para eles há uma especificidade para seu objeto.

Para a teoria da comunicação (FEED-BACK), o emissor emite uma mensagem que será recebida pelo receptor, o qual, por sua vez, emite uma outra mensagem, instaurando assim um sistema de feed-back cibernético, que se poderia ilustrar da seguinte maneira:

$$E \rightarrow \leftarrow R$$

Se há ruídos, a comunicação fica dificultada. Para estas teorias, nas quais a linguagem é um instrumento de transmissão de informação, basta reduzir as interferências ou restaurar o circuito adequado para conseguir o objetivo: uma mensagem que chamaremos de ‘limpa’ ou possivelmente transparente.

Estamos utilizando termo transparência em contraposição à idéia de ‘opacidade’, que nos remete a um “não –Todo”, que por sua vez teria uma dimensão de perda que entendemos que habita a linguagem **sempre que consideramos o fator sujeito**.

Os animais não tem estes problemas de interferências. Podemos dizer que nesse caso, o sentido está dado de antemão. Mas como o artigo “abelhas do combate” ilustra, a coisa pode complicar.

Munro Fox, no seu livro “*A personalidade dos animais*”¹⁰³, fala da comunicação entre insetos, em particular das abelhas. Ele escreve que, graças ao seu instinto, as abelhas não têm que aprender como comunicar-se. A linguagem entre elas é bem diferente. É uma linguagem de cheiros e danças. Quando uma abelha operária investiga um campo e encontra uma flor com néctar açucarado, em pouco tempo a área é visitada por muitas abelhas que sugam o doce líquido das flores. O mesmo se aplica à operária que leva à colmeia o pólen de uma flor. Como faz a primeira que descobriu o néctar ou o pólen para comunicar às demais a sua descoberta? Ela, ao regressar, começa a dançar... A dança de uma operária que regressa à colmeia é mais vivaz quanto mais farto é o tesouro que leva. Há vários passos a ser em dados para as abelhas transmitirem sua informação.

A dança informa que existe pólen ou néctar e onde se deve procurá-lo. O aroma no corpo da dançarina diz que tipo de flor se deve procurar e se o tesouro encontrado é

¹⁰³ A referência ao livro de Munro Fox, assim como os resultados da sua experiência, foram extraídos do artigo “O inconsciente, algo mais que dizer” da Dra Alba Flecher publicado para circulação interna dos alunos da disciplina de Psicologia da U.J.F.K de Buenos Aires, ano 1983. Não constando a referência bibliográfica.

néctar ou pólen. O vigor da dança indica se a safra será rica ou pobre.. etc. “Acredita-se que todas as operárias a sabem, quando chegam a determinada idade, sem que lhes tenha sido ensinado.”¹⁰⁴¹⁰⁵

A linguagem das abelhas se baseia num sistema de sinais que permitem um funcionamento sem equívocos, justamente porque um sinal implica uma significação constante. Este código de sinais, segundo E. Benveniste¹⁰⁶, se caracteriza por:

Conteúdos fixos (a mensagem transmitida contém três únicos dados: alimento, distância e direção); invariabilidade da mensagem (por exemplo, a dança em círculo que indica o alimento a curta distância); relação com só uma situação (a que faz alusão ao conteúdo da mensagem); natureza indecomponível do enunciado (a mesma dança desde o princípio até o fim); transmissão unilateral (a abelha que presenciou a dança não pode reproduzir a mensagem a outra abelha.

Para diferenciar o modo de comunicação das abelhas da linguagem humana, Benveniste o define como um código de sinais, ao passo que esta se caracteriza pelo fato de que:

cada enunciado se reduz a elementos que se deixam combinar livremente segundo regras definidas, sendo que um certo número de morfemas bastante reduzido permite uma quantidade considerável de combinações, de onde nasce a variedade da linguagem humana, que é a capacidade de dizer tudo.¹⁰⁷

Não concordamos com esta propriedade que Benveniste atribui à linguagem de “poder dizer tudo”. Certamente, na linguagem das abelhas, a intencionalidade do praticante e a do receptor estão fora de questão; o certo é que não se conhece o caso de ne-

¹⁰⁴ Alba Flecher p.2

¹⁰⁶ Pag 65-66

nhuma abelha que, com o intuito de fazer uma brincadeira, tenha recorrido ao código para dar uma informação enganosa a outra. Mas a ordem subjetiva sempre introduz o equívoco como a pesquisa da revista **Isto é** o demonstra. (ver artigo em anexo)

Há uma dimensão de equívoco que a linguagem permite, sem que por isto se quebre a ilusão de nos entendermos? Sim, a dimensão do desejo. O desejo dos investigadores neste caso. Assim como os famosos cachorros da experiência de condicionamento de Pavlov salivavam quando condicionados por ele a ganhar alimentos ao ouvir a campainha. Mas porque salivavam, por instinto ou pelo desejo do investigador que entrou na jogada? O desejo atravessa a cadeia .

Dizíamos, então, que a linguagem é condição do inconsciente e que esse dado determina a existência de uma subjetividade. Este sujeito do inconsciente obviamente não tem materialidade alguma.

A linguagem com a sua estrutura preexiste ao sujeito. Aqui onde dizemos linguagem podemos dizer ordem simbólica, da qual a linguagem é uma das dimensões.

O sujeito já está inscrito na cadeia significante desde antes de seu nascimento, mesmo que embora seja pelo simples fato que possui um nome próprio. O animal é dotado de instinto , isto é, tem possibilidade de uma resposta dada de antemão para suas necessidades, diferentemente do ser humano, para o qual onde não há sentidos prévios, e nada está dado de antemão. Isso não nos lembra a idéia de **língua** de Saussure?

¹⁰⁷ Benveniste 1985, p.66

Conclusão

Recapitulando: Saussure propõe uma nova ciência da linguagem e, para isto, divide o **signo lingüístico** em duas partes, denominando **significante** à imagem acústica de um conceito, e **significado** ao conceito propriamente dito. Seu procedimento para a formalização do **signo** é algoritmizar as partes concebidas por ele para a sua criação e, após estabelecida a correspondência entre essas ordens, Saussure fecha o signo com uma elipse e lhe atribui o caráter de unívoco.

O signo lingüístico foi assim definido como a relação entre um significado e um significante no interior de um sistema de valores. Quanto ao **valor** de um signo, ele resulta negativamente da presença simultânea de todos os outros signos na língua.

Neste sistema, concebido como diferencial, a cada termo precede uma diferença.

Bem, se o laço que une o significado ao significante é radicalmente arbitrário e esse é o legado da obra Saussureana e “a verdade” do seu descobrimento, pensar um sistema como diferencial é pensar sua origem como mítica, respondendo à lógica da incompletude. Não há uma primeira diferença, é o próprio sistema de valores que se gera a partir da diferença.

Um **signo** sem substância, uma **língua** que antecede ao pensamento, as novidades que Saussure nos traz não são poucas, tampouco o são as conseqüências de seu pensamento. O conceito de arbitrariedade e o de sincronia são os produtos de um pensador que rompe com a história linear e com a lógica da **causa**. Saussure com seu “desejo de ciência” chega até os limites do campo que ele próprio semeia para a Linguística, o científico.

Não é só Lacan que colhe da safra Saussureana e fala da sua abundância. Merleau Ponty, anuncia que uma filosofia poderia ser tirada do *Curso de Linguística Geral*.

“A teoria do signo, tal como a linguística a elabora, implica talvez uma teoria do sentido histórico que vai mais além da alternativa das *coisas* e das consciências [...]. Existe aí uma racionalidade na contingência, uma lógica vivida, uma auto-constituição de que temos precisamente uma necessidade para compreender, em história, a união da contingência e do sentido, e Saussure bem poderia ter esboçado uma nova filosofia da história”¹⁰⁸.

Por sua parte, Lacan ouve a colocação de seu amigo pessoal M. Ponty e muda seu enfoque; renuncia a toda ontologia e elabora uma perspectiva lógica do sujeito que articularia na sua teoria ao significante. A lógica que chamamos do não-todo.

O pensamento não antecede, em Saussure, à ontologia de nenhum sujeito nem à Língua. O *Cogito* cartesiano é subvertido por Lacan para destacar a fenda que atravessa ao sujeito.

Saussure se depara com uma fenda, uma vertigem, um vazio que ele se precipita a preencher. Depara -se com o sujeito foracluído da ciência.

O sujeito com respostas prévias e sentidos completos para suas necessidades só pode ser pensado como tendo origem mítica.

Saussure depara-se com a vertigem que habita seu sistema. Que fazer? Ele faz o mesmo que todos fazemos, o preenche imaginariamente, mas esse gesto ameaça o sistema. O perigo que Saussure instala ao fechar o sistema da **língua** e impor ao signo o caráter unívoco é justamente reintegrar o sub-repticiamente plano ‘natural’.

¹⁰⁸ Merleau Ponty, p.56

Não há um caráter de necessidade na relação que une o sentido à contingência, e agregamos: o sentido não é causal. Tampouco há um caráter de necessidade na relação que une o sentido ao pensamento do sujeito cartesiano.

Falamos, e ao falar supomos no outro o tesouro da Língua.

A língua precede ao pensamento e ao sujeito. A banda de Moebius nos permite pensar a língua na sua relação com a descoberta saussureana da arbitrariedade do **signo** lingüístico. Por meio desta figura topológica a fala e a língua podem apreciadas na sua continuidade.

A ordem social que se mostra como um exterior à cadeia da fala é um exterior interno. O sujeito foracluído fica evidenciado na banda da qual se vale Lacan para pensar a subjetividade, subjetividade esta que não é de nenhum indivíduo.

A formiga na sua caminhada pela banda evidencia a ilusão de totalidade daquele que fala, o sujeito da ciência. A formiga pode fazer isto e nunca se aperceber do engano, para ela não há engano nem há mistério.

Bibliografia

- ARAMBURU, J. & Outros. Funciones del padre em Freud. Buenos Aires: Cep, 1990.
- BARTHES, R. et al. Análisis estructural del relato. 6 ed. Mèxico: Premià, 1988.
- BENVENISTE, E "Da subjetividade na linguagem" em problemas de lingüística Geral I, Campinas, São Paulo, Pontes, 1988.
- BOILEAU, L. D. Du texte littéraire à l'acte de fiction lectures linguistiques et réflexions psychanalytiques. Paris: Ophrys, 1995.
- BORGES, Jorge Luís. Obras completas: círculo de lectores. Buenos Aires: Emecé Editor, 1974.
- BRANDÃO, R.S. Literatura e psicanálise. Ed. Universidade/UFRGS, Porto Alegre - Brasil, 1996.
- BROCA, Roland. Universidad Argentina John F. Kennedy. Buenos Aires:(anotaciones en aula) , 1986.
- BUCURE, N.O. Psicoanálisis: interpretaciones, construcciones y verdad histórica. Buenos Aires: Ed,Kargieman , 1986.
- CABIBIE, R. et al. Lecturas de Lacan. Buenos Aires: Lugar., 1984.
- CARPIO, A. Principio de filosofia: una introducción a su problemática. Buenos Aires: Glauco, 1977.
- CARUSO, P. Conversaciones con Lévi Strauss, Foucault e Lacan, Barcelona: Editorial Anagrama, 1972.

- CHNAIDERMAN, M. O hiato convexo - literatura e psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CONSENTINO, J. La concepción dinámica del inconciente. Buenos Aires: Cep (UBA), 1986.
- COTTET, S. Freud e o desejo do psicanalista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989
- CULLER, J. As idéias de Saussure. São Paulo: Editora Cultrix
- D'ANGELO, R. et al. Una Introducción a Lacan. 3 ed. Buenos Aires: Ed. Lugar, 1988.
- DARMON, M. Ensaíos sobre a topologia lacaniana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- ECO. U. A estrutura ausente. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. Semiótica e filosofia da linguagem. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. Como se faz uma tese São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1989.
- FARIA, Carlos Gari & outros. Separata da revista de psiquiatria dinâmica. Porto Alegre: Meridional Emma, 1974.
- FERNANDEZ, A. M. De lo imaginario social a lo imaginário grupal. Actualidad Psicológica. Periódico de divulgación psicológica. Buenos Aires: 1992.
- FISCHER, H & outros. As neuroses. Buenos Aires: Centro Editor Argentino, 1983.
- FOUCAULT, M. História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FREUD, S. Obras completas: Amor de transferência. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948.

_____. Obras completas: El malestar en la cultura. Tomo 3, 1929. Madrid: Edición Biblioteca Nueva, 1980.

_____. Obras completas: Psicología de las masas y análisis del yo. Madrid: Edición Biblioteca Nueva, 1980.

_____. Obras completas: Sigmund Freud. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1974.

_____. Pérdida de realidad en la neurosis y en la psicosis. Tomo 19, pág. 189. Buenos Aires: Editorial Amorrortu, 1976.

GARCÍA MORENTE. Descartes. Madrid: Biblioteca Nueva, 1980

GARCIA-ROZA, L.A. Acaso e repetição em psicanálise - uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

_____. Introdução à metapsicologia freudiana: interpretação dos sonhos (1900). Vol 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

GAY, P. Freud. Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HARARI, R. Del corpus freudo-laciano. Trieb, Buenos Aires, 1981.

JACOBSON, R. Lingüística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1977.

JURANVILLE, A. Lacan e a filosofia. Zahar, Rio de Janeiro - Brasil, 1987.

LACAN, J. A transferência. Livro 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. A ún. Buenos Aires: Editora Paidós, 1981

- _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. La repetición del fracaso. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.
- _____. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis de Lacan: una introducción. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.
- _____. O Seminário. Livro 11. os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Zahar, Rio de Janeiro - Brasil, 1979.
- _____. O Seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. O Seminário. Livro 3. As psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. O Seminário. Livro 7. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- _____. Psicoanálisis Radiofonia & Televisión. 2 ed. Barcelona: Anagrama, 1980.
- _____. Joyce o sintoma. Coimbra: Escher S.A., Apartado 3040, 1986.
- LECLAIRE, S. Psicanalisar. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- LEITE, N. Psicanálise e Análise do discurso: O acontecimento na estrutura, Rio de Janeiro: Campo matemático, 1994.
- LEMOES, C. "A sintaxe no espelho" in Cadernos de Estudos Linguísticos 10. Publicação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.
- LOPES DA SILVA, F. adolescência : modernidade in Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- MASOTTA, O. El modelo pulsional. Buenos Aires: Catálogos, 1986.
- _____. Dualidade psíquica - O modelo pulsional. São Paulo: Papyrus, 1986.

_____. O comprovante da falta. São Paulo: Papyrus, 1987

MILLER, J. Curso Anual 1985-1986, inédito, classe II.

_____. Recorrido de Lacan. Buenos Aires: Editorial hacia el tercer encuentro del campo freudiano. 1995

MILLOT, C. Freud Antipedagogo. Rio de Janeiro; Zahar, 1984

MILNER, J. O amor da língua. Porto alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. Introduction à une science du langage. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

MILLOT, Catherine. Freud antipedagogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

NASIO, J.D. Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Os olhos de Laura, o conceito de objeto a na teoria de J. Lacan, introdução a topologia psicanalítica. Porto Alegre: Artes médicas, 1991.

OGDEN, C.K. et al. La teoria del lenguaje de Bentham. Buenos Aires: Cuadernos de psicoanálisis, 1983.

PASQUALINI, G. Psicoanálisis: psicopatología ética. Nueva Visión, Buenos Aires, 1990.

_____. Psicoanálisis: Ética más allá de la razón. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, Colección Tema, 1993.

PIRES DE OLIVEIRA, R. Texto inédito. Palestra oferecida no CFH- UFSC. Florianópolis, 27 de Março de 1998.

POMMIER, G. Freud Apolítico? Porto Alegre :Artes Médicas, 1989.

RABINOVICH, D. A cerca de la ética del psicoanálisis: "Ética del psicoanálisis e inconmensurabilidad". Buenos Aires: Editorial Manantial, 1990.

_____. S..Sexualidad y significante. Buenos Aires: Manantial Ediciones, 1986.

REVISTA *Isto É*. Editora Três: São Paulo, Fevereiro de 2000.

ROSA, N. Léxico de Linguística e Semiologia. Buenos Aires :Centro Editor de América Latina S.A, 1978.

ROUDINESCO, E; Major, René & outros. Foucault - leituras da história da loucura. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 1994.

SAUSSURRE, F. Curso de lingüística geral. São Paulo: Ed. cultrix, 1995.

SEÇÃO RIO DA ESCOLA BRASIEIRA DE PSICANÁLISE. O imaginário no ensino de Lacan. 2 ed.

SEGRE, C. principios de análisis del texto literario. Critica.

SOLER, C. Lacan y el banquete. Buenos Aires: Manantial, 1992

TODOROV, T. Os gêneros do discurso. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ABELHAS DE COMBATE

Mecanismo óptico das abelhas ensina militares a produzir tecnologia de reconhecimento aéreo

NORTON GODDY

As abelhas usam pistas visuais para medir distâncias de até centenas de metros que separam sua colméia de uma fonte de alimento. Esse “odômetro óptico”, descoberto há quatro anos, está sendo cuidadosamente estudado pelos cientistas do Departamento de Defesa dos EUA para ser empregado em um novo tipo de arma para as Forças Armadas americanas.

“A abelha tem a capacidade de usar imagens em movimento, como árvores e flores, para monitorar seu voo, e assim cal-

cular distâncias”, explica um dos autores da pesquisa, o professor da Universidade Nacional da Austrália, Mandyam Srinivasan. “A percepção delas é semelhante à que temos quando vemos passar zunindo pela janela do carro uma sequência de postes de uma rua, o que aumenta nossa sensação de velocidade e da distância percorrida”, diz o cientista. Descobrir como as abelhas fazem isso irá ajudar os governos dos EUA e da Austrália a desenvolver um novo tipo de tecnologia militar. “Estamos interessados em criar pequenos veículos voadores autônomos de reconhecimento militar, que incorporem alguns princípios dessa visão de inseto”, conta Srinivasan em um arti-



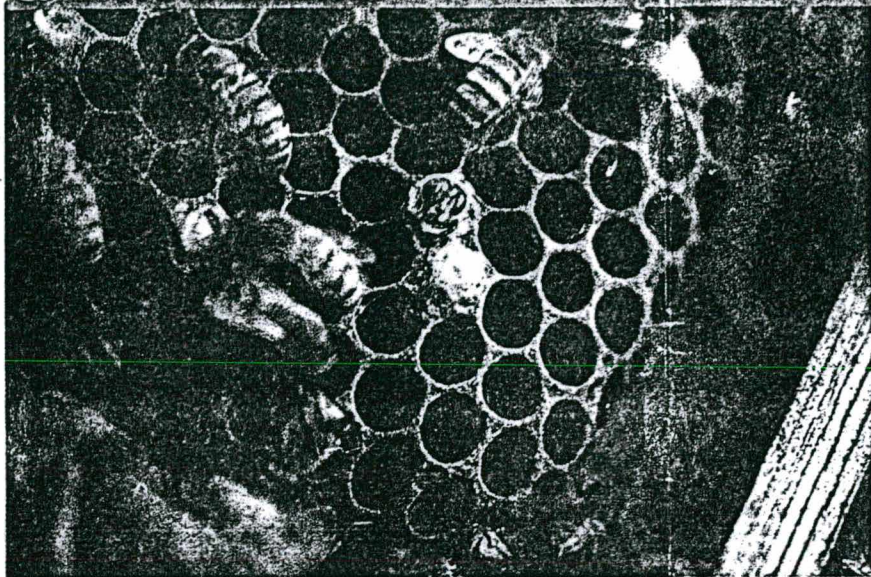
TUBO Na capa do periódico científico

go científico assinado por ele no penúltimo número do periódico *Science*.

Na pesquisa constatou-se que quando a abelha localiza uma fonte de alimento a mais de 50 metros da colméia, ela volta à colônia e informa às demais o achado e a distância por meio de uma dança. Ela balança o abdômen apontando o corpo na direção do alimento. Quanto mais demorada for a dança, mais longa a distância que as separa do local do alimento. Porém, se o alimento está a menos de 50 metros da colméia, a abelha simplesmente dá algumas voltas com o corpo, o que os cientistas chamam de “dança giratória”. Nos anos 60, já se desconfiava que a abelha tem esse poder de medir dis-

REFERÊNCIAS VISUAIS ORIENTAM AS ABELHAS A DETERMINAR COM EXATIDÃO A DISTÂNCIA E A LOCALIZAÇÃO DO ALIMENTO





A DANÇA Movimento do abdômen informa que o alimento está a mais de 50 metros

tâncias – acreditava-se que a medição fosse feita avaliando a energia gasta no vôo entre a colméia e o alimento. Daí, em 1996, descobriu-se que essa capacidade poderia estar ligada à percepção visual. Uma experiência mostrou que abelhas voando entre prédios muito altos faziam uma dança que sugeria que tinham voado metade da distância percorrida por outra abelha que voara rente ao solo. A conclusão foi a de que referências muito próximas, como a do chão, davam uma sensação de mais distância percorrida do que referências longínquas. “Do alto não temos a mesma impressão de velocidade e distância percorrida tanto quanto se estamos mais rente ao chão”, explica o cientista australiano.

Baseados nesse trabalho, Srinivasan e seus colegas conseguiram influir na dança das abelhas alterando artificialmente suas referências visuais. Fizeram isso usando tubos de plástico de diversos comprimentos, cujo interior foi decorado aleatoriamente com motivos em branco e preto. Uma das pontas dos tais tubos foi posta próxima às colméias. Na outra extre-

midade deixava-se um doce, atraindo as abelhas a voar por dentro do tubo para chegar ao alimento. Então compararam a distância real dentro do túnel percorrida pela abelha e a que ela comunicava ao resto da colméia. Ficou evidente que uma alteração nos desenhos dentro do túnel enganava a abelha: ela acabava comunicando uma distância maior do que a efetivamente percorrida devido à ilusão que os desenhos causavam em sua visão.

A pesquisa foi patrocinada pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada, do Departamento de Defesa dos EUA (Darpa), e pela Organização de Ciência e Tecnologia do Departamento de Defesa da Austrália.

COMO OS PILOTOS HUMANOS, AS ABELHAS PASSAM POR UM CURSO DE TREINAMENTO RIGOROSO DE VÔO



Segundo Alan Rudolph, chefe de programas de pesquisa da Darpa, pretende-se agora construir pequenos veículos aéreos, “de apenas 15 centímetros de comprimento ou menor do que isso”. No campo de batalha, esses aparelhinhos voadores fariam as vezes de velozes batedores, executando missões de reconhecimento a distância. Embora o texto da *Science* não revele detalhes técnicos da pesquisa militar, informa que o objetivo é descobrir como funciona o mecanismo óptico das abelhas e adaptá-lo para a microeletrônica com o uso da nanotecnologia (tecnologia de pequeníssima escala). Não é por acaso que, há duas semanas, o presidente Bill Clinton reservou para a área de nanotecnologia boa parte dos US\$ 7 bilhões do próximo orçamento de pesquisa científica patrocinada por seu governo.

Ases – Curioso é que, na mesma semana do artigo de capa da *Science*, outra grande publicação de trabalhos científicos, a *Nature*, trouxe um artigo com mais uma descoberta sobre a destreza das abelhas. Como os ases da aviação militar, as abelhas designadas para a tarefa de colher alimentos passam por um curso de treinamento bastante sofisticado. Os estudiosos desses insetos sempre ficaram intrigados com a capacidade de vôo – muito rápido e a grande distância da colméia – das abelhas, que se valem apenas dos olhos, sem o recurso de algum tipo de radar, como o

dos morcegos. Pesquisadores da Universidade de Illinois, nos EUA, conseguiram prender refletores ultraleves em algumas abelhas e, assim, monitorar seu vôo. Concluíram, então, que as abelhas jovens fazem vôos de aprendizado sobre uma área bem ampla à volta da colméia, para conhecer todo o relevo e particularidades. São vôos cada vez mais velozes, numa clara intenção de aperfeiçoar a destreza.

